

Vida

Do temor à fé

D. Martyn
Lloyd-Jones



Estudos no livro
de Habacuque

Controla Deus a
história mundial?

Estudos no livro de Habacuque

D. Martyn Lloyd-Jones

Traduzido por Luiz Aparecido Caruso

Editora Vida

Digitalizado por: **Dimasp**

Digitalizado com exclusividade para:



ISBN 0-8297-0695-X

Categoria: Estudos Bíblicos

Traduzido do original em inglês:
From Fear to Faith

Copyright © 1953 by D. Martyn Lloyd-Jones
Copyright © 1985 by Editora Vida

1ª impressão, 1985
2ª impressão, 1987
3ª impressão, 1991
4ª impressão, 1992
5ª impressão, 1995

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Vida, Deerfield, Florida 33442 — 8134 — E.U.A.

Capa: Ana Bowen

Impresso no Brasil

ÍNDICE

Introdução	04
Esboço do livro de Habacuque	07
1. A singularidade dos caminhos de Deus	08
2. A perplexidade do profeta	13
3. À espera da resposta de Deus	19
4. "O justo viverá pela sua fé"	24
5. Como orar	29
6. Como regozijar-se na tribulação	34

O mistério dos processos históricos

Há muitos e variados problemas relacionados com a vida de fé. Não encontramos, na Bíblia, promessa alguma de que, como cristãos, nossa vida neste mundo estará livre de dificuldades e de provações. O adversário de nossas almas está sempre ativo. Seu grande alvo é desanimar-nos e, se possível, fazer que neguemos a fé. Ele nos apresenta à mente várias tentações — tudo aquilo que, deveras, possa minar nossa fé.

Ora, uma das grandes ansiedades no domínio da fé, em nossos dias, é o que podemos chamar de "problema da história". Parece que agora é a situação histórica que está deixando tantas pessoas perplexas. Nem sempre, porém, foi assim. Por volta do fim do século passado, e talvez até 1914, a principal dificuldade que confrontou os que pertenciam à fé não foi "o problema da história", mas "o problema da ciência". Nesse período, o ataque desferido contra a fé dizia contar com a autoridade dos cientistas e de suas descobertas. Parecia, pois, que a dificuldade era a de reconciliar o ensino da Bíblia com os fatos observados na natureza e com as várias alegações da ciência.

É verdade, sem dúvida, que ainda há pessoas que se acham perturbadas no mesmo modo; mas já não é o principal problema. O antigo conflito entre ciência e religião realmente está fora de moda. Os próprios cientistas o tornaram antiquado ao rejeitar, na maior parte, as noções materialistas e mecânicas que governaram a mente científica popular até vinte anos atrás. No campo da física, as recentes descobertas e teorias puseram um fim a tais noções, e em nosso próprio tempo temos testemunhado mais de um preeminente cientista a confessar que foi levado a crer em uma Mente que está por trás do universo.

Não é, portanto, o problema científico, mas o mistério da história que agora causa ansiedade. Esse é o problema dos problemas no presente século vinte. Naturalmente, ele surge dos acontecimentos deste período. Nossos pais, e em grau ainda maior nossos avós, não estiveram particularmente preocupados com o problema da história porque a vida caminhava de maneira despreocupada e, segundo acreditavam, inevitavelmente para um alvo maravilhoso de perfeição. A Terra Prometida estava prestes a ser ocupada. Tinham apenas de prosseguir em silêncio, e em breve estariam lá. Mas, no presente século, todos temos sido abalados até aos alicerces pelo curso dos acontecimentos e, em face desses fatos, muitos viram sua fé tremendamente provada. Acham difícil, por exemplo, explicar duas devastadoras guerras mundiais, porque tais eventos parecem incompatíveis com o ensino bíblico concernente à providência de Deus.

Ora, é preciso declarar de uma vez que este é um problema que nunca deveria ter levado ninguém a sentir-se infeliz ou perplexo. Não há, realmente, escusa para isto em face do claro ensino da própria Bíblia. De certo ponto de vista nunca houve, também, nenhuma escusa para se estar perplexo a respeito de ciência e religião. Há menos escusa, ainda, para que alguém se perturbe com o problema da história, porque a Bíblia o trata da mais clara forma possível. Porque, então, as pessoas se perturbam com ele?

Parece que o principal motivo é que há os que usam a Bíblia num sentido estreito, como sendo exclusivamente um livro de texto de salvação pessoal. Ao que parece, muitos pensam que o tema exclusivo da Bíblia é o do relacionamento pessoal do homem com Deus. Evidentemente, este é um dos temas centrais, e somos gratos a Deus pela salvação proporcionada, sem a qual estaríamos em total desespero. Esse, porém, não é o único tema da

Bíblia. Podemos, de fato, dizer que a Bíblia coloca a questão da salvação pessoal em um contexto mais amplo. Em última instância, a mensagem central da Bíblia relaciona-se com a condição do mundo inteiro e de seu destino; e você e eu, como indivíduos, somos parte desse todo maior. Por isso é que ela começa com a criação do mundo e não com a do homem. A dificuldade está em que temos a tendência de interessar-nos exclusivamente pelo nosso problema pessoal, ao passo que a Bíblia começa bem antes e coloca todo problema no contexto desta visão do mundo.

Se não compreendermos bem que a Bíblia tem uma visão do mundo toda sua, não é de surpreender que o mundo, em seu presente estado, nos desespere. Se, porém, lermos toda a Bíblia e notarmos sua mensagem total, em vez de apenas selecionar um Salmo, ou o Sermão da Montanha, ou nosso Evangelho predileto, descobriremos que ela tem uma profunda filosofia da história, e uma visão distinta do mundo. Capacita-nos a entender o que acontece hoje, e que nada que ocorre na história deixa de encontrar um lugar no plano divino. O grande e nobre ensino da Bíblia trata da questão toda do mundo e seu destino.

No livro do profeta Habacuque temos uma ilustração perfeita do que dizemos. O profeta encara o problema da história de uma maneira particularmente interessante; não como uma acadêmica ou teórica filosofia da história, mas como a perplexidade pessoal de um homem — ele próprio. Ele escreveu o livro para relatar sua própria experiência. Estava aí um homem muito perturbado pelos acontecimentos, ansioso por reconciliar o que via com o que acreditava. A mesma maneira de encarar a questão encontra-se aqui e ali na Bíblia, especialmente nos Salmos, e todos os profetas lidam com este mesmo problema da história. Mas não são apenas os livros do Antigo Testamento que se ocupam com este problema; o leitor atento verificará que ele percorre igualmente todo o Novo Testamento. Encontrará nosso Senhor apresentando sua visão antecipada da história, e no livro do Apocalipse terá outra visão prévia da história e do relacionamento de nosso Senhor ressuscitado e da Igreja Cristã com essa história. Devemos despertar-nos para o fato de que "o problema da história" é o grande tema da Bíblia Sagrada.

No estudo do livro de Habacuque podemos, antes de tudo, considerar a situação com a qual o profeta se defronta. Depois, podemos deduzir certos princípios. Desse modo veremos que, em essência, tudo quanto causava ansiedade ao profeta é exatamente o que preocupa tantas pessoas hoje, quando tentam relacionar o que observam com o ensino da Bíblia, especialmente com o ensino acerca do ser e do caráter de Deus.

O profeta viu a Israel numa condição de muita apostasia. A nação se afastara de Deus e se esquecera dele. Entregara-se a falsos deuses e a outras buscas destituídas de qualquer valor. Não é de admirar que ele exclame em profunda angústia mental: "Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? gritar-te-ei: Violência! e não salvarás? Por que me mostras a iniquidade (e ele pensa em sua própria nação e seu próprio povo) e me fazes ver a opressão? Pois a destruição e a violência estão diante de mim; há contendas, e o litígio se suscita. Por esta causa a lei se afrouxa, e a justiça nunca se manifesta; porque o perverso cerca o justo, a justiça é torcida."

Que quadro terrível! Pecado, imoralidade e vício dominavam desenfreados, enquanto os que estavam em postos de autoridade e exerciam funções governamentais eram frouxos e indolentes. Não aplicavam a lei com eqüidade e honestidade. A ilegalidade campeava por toda parte; e sempre que alguém se aventurava a repreender o povo, como o fez o profeta, os que estavam revestidos de autoridade se rebelavam e partiam para a briga. Grave decadência religiosa se fizera acompanhar, como invariavelmente acontece,

por um declínio geral de ordem moral e política. Tais eram as condições alarmantes que confrontavam o profeta.

Era, realmente, um problema. Para começar, ele não podia entender por que Deus permitia tudo aquilo. Orou a Deus a esse respeito, mas Deus parecia não responder. Daí a perplexidade do profeta: "Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? gritar-te-ei: Violência! e não salvarás?" Mas, infelizmente para o profeta, este foi apenas o começo de suas dificuldades. Porque, depois de sua queixa de que Deus deixara de escutá-lo e de responder às suas orações, Deus lhe respondeu, mas de um modo inteiramente inesperado. "Vede entre as nações, olhai, maravilhai-vos, e desvanecei, porque realizo em vossos dias obra tal, que vós não creereis, quando vos for contada. Pois eis que suscito os caldeus, nação amarga e impetuosa, que marcha pela largura da terra, para apoderar-se de moradas não suas." Deus estava praticamente dizendo ao profeta: "Está bem! Estive ouvindo sua oração todo o tempo, e agora lhe digo o que me proponho fazer. Vou suscitar os caldeus." Os caldeus eram, naquele tempo, um povo muito insignificante em comparação com os assírios, os grandes contemporâneos de Israel. Habacuque, já perplexo com o fato de Deus permitir a iniquidade em sua própria nação, agora é informado de que Deus tenciona suscitar um povo totalmente pagão, ímpio, para conquistar a terra e castigar seu povo. O profeta ficou quase esmagado. É este o problema que estudaremos nos capítulos a seguir.

ESBOÇO

Do livro de Habacuque

Em 1:5-11 Deus diz ao profeta o que ele está prestes a fazer. Revela o poderio do terrível inimigo de Israel e a devastação que deixará em sua passagem. Descreve a arrogância e o orgulho do inimigo em atribuir seu êxito ao seu próprio deus e à sua própria grandeza. Em 1:12—2:1 vemos o modo pelo qual o profeta luta com este problema. O restante do capítulo 2 versa sobre o gracioso tratamento de Deus com Habacuque, e o modo como ele capacita o profeta a compreender a situação geral. Deus lhe dá uma visão maravilhosa da filosofia e da história bíblicas, e como elas devem reconciliar-se com sua própria santidade e grandeza, e como tudo mais, no final, se resolverá perfeitamente. O capítulo 3 descreve a reação do profeta.

A singularidade dos caminhos de Deus

Habacuque 1:1-11

A mensagem de Habacuque é de urgente necessidade nestes dias em que tantos vivem perplexos por este problema da história. Começamos, portanto, com duas declarações de fato:

I. Os caminhos de Deus às vezes são misteriosos

A. Sua inação

A primeira coisa que descobrimos quando estudamos as ações de Deus é *que pode parecer que ele esteja estranhamente silencioso e inativo em circunstâncias provocativas*. Por que Deus permite que certas coisas aconteçam? Por que a Igreja Cristã é o que é hoje? Veja sua história no decurso dos últimos quarenta ou cinquenta anos. Por que permitiu Deus tais condições? Por que permitiu que surgisse o "modernismo", que solapa a fé e até nega suas verdades fundamentais? Por que ele não fere de morte essas pessoas quando proferem blasfêmias e negam a fé que deveriam pregar? Por que permite ele que se façam tantas coisas erradas *até mesmo em seu nome*?

Também, por que Deus não respondeu às orações de seu povo fiel? Vimos orando pelo reavivamento durante trinta ou quarenta anos. Nossas orações têm sido sinceras e urgentes. Temos deplorado o estado das coisas e temos clamado a Deus por causa dessa situação. Mas ainda assim parece que nada acontece. A semelhança do profeta Habacuque, muitos perguntam: "Até quando clamarei eu, e tu não me escutarás? gritar-te-ei: Violência! e não salvarás?"

Este, porém, não é o único problema da Igreja como um todo; é também a questão com a qual se defrontam muitas pessoas. Há os que, durante muitos anos, vêm orando a favor de alguém que lhes é caro, e Deus parece não responder-lhes. Raciocinam consigo mesmos nestes termos: "É, por certo, da vontade de Deus que alguém se torne cristão. Bem, venho orando a favor de um amigo por muitos anos e parece que nada acontece. Por quê? Por que está Deus tão silente?" Muitas vezes as pessoas se impacientam com a demora. Por que Deus não responde às nossas orações? Como podemos entender que um Deus santo permita que sua própria Igreja seja o que é hoje?

B. Suas providências inesperadas

A segunda coisa que descobrimos é que Deus, às vezes, dá respostas inesperadas às nossas orações. Isto, mais do que qualquer outra coisa, foi o que deixou Habacuque perplexo. Por um longo tempo Deus parece não responder. Então, quando responde, o que diz é mais misterioso até do que sua aparente falha em ouvir as orações. Na mente de Habacuque estava perfeitamente claro que Deus tinha de castigar a nação e depois enviar um grande reavivamento. Mas quando Deus disse: "Estou respondendo à sua oração suscitando o exército caldeu para marchar contra suas cidades e destruí-las", o profeta não conseguia acreditar no que ouvia. Mas foi o que Deus lhe disse, e o que realmente ocorreu.

João Newton escreveu um poema no qual descreve uma experiência pessoal semelhante. Ele desejava algo melhor em sua vida espiritual. Clamou

por um conhecimento mais profundo de Deus. Esperava uma visão maravilhosa de Deus rompendo os céus e descendo com chuvas de bênçãos. Em vez disto, Newton teve uma experiência na qual, durante meses, Deus parecia tê-lo entregue a Satanás. Foi tentado e provado além de sua compreensão. Mas afinal chegou a entender e viu que aquele era o modo de Deus responder-lhe. Deus havia permitido que o poeta descesse às profundezas a fim de ensinar-lhe a depender inteiramente dele. Havendo Newton aprendido a lição, o Senhor tirou-o daquela provação.

Todos nós temos a tendência de prescrever as respostas às nossas orações. Pensamos que Deus pode manifestar-se somente de uma forma. Mas a Bíblia ensina que Deus às vezes responde às nossas orações permitindo que as coisas piorem muito antes que possam melhorar. Ele pode, às vezes, fazer o contrário do que prevemos. Ele pode esmagar-nos, colocando-nos frente a frente com um exército caldeu. Mas é um princípio fundamental na vida e caminhar da fé que, quando tratamos com Deus, devemos estar sempre preparados para o inesperado. Gostaria de saber o que nossos pais teriam pensado há quarenta anos se pudessem prever o estado atual da Igreja Cristã. Eles já se sentiam infelizes com o andamento da época. Já estavam realizando reuniões de despertamento e buscando a Deus. Se pudessem ver a Igreja de nossos dias, não creriam no que viam. Jamais poderiam ter imaginado que a igreja se afundasse tanto espiritualmente. Mas Deus permitiu que isto acontecesse. Tem sido uma resposta imprevista. Devemos apegar-nos à esperança de que ele tem permitido que as coisas piorem antes que, finalmente, melhorem.

C. Seus instrumentos incomuns

O terceiro aspecto surpreendente dos caminhos de Deus é *que ele às vezes usa instrumentos estranhos para corrigir sua Igreja e seu povo*. Os caldeus, dentre todos os povos, são os que Deus vai suscitar para castigar a Israel! Não se podia imaginar tal coisa. Mas aqui também está um fato evidente em toda a Bíblia. Deus, se assim o quiser, pode usar até mesmo os ímpios caldeus. No curso da história ele tem usado toda sorte de instrumentos estranhos e inesperados para a realização de seus propósitos. Este é um fato pertinente aos nossos dias, pois parece que, segundo a Bíblia, muito do que acontece no mundo agora deve ser examinado nesta luz. Talvez possamos ir além e dizer positivamente que o comunismo, temido por tantos cristãos em nosso tempo, não passa de um instrumento que Deus está usando para lidar com seu próprio povo.

A importância de tudo isto reside no fato que, se não virmos as coisas do modo certo, nossas orações serão erroneamente concebidas e erroneamente dirigidas. Temos de admitir o verdadeiro estado da Igreja e reconhecer sua iniquidade. Devemos entender a possibilidade de que as forças que hoje mais se opõem à Igreja Cristã talvez estejam sendo usadas por Deus para seu próprio propósito. O ensino claro do profeta é que Deus pode usar instrumentos muito estranhos, e às vezes o último instrumento que teríamos esperado.

II. Os caminhos de Deus às vezes são mal interpretados

A. Por pessoas religiosas descuidadas

Os caminhos de Deus muitas vezes são estranhos e desconcertantes, e a surpresa em face do que ele faz é sentida por muitos. É, antes de tudo, uma questão que causa grande surpresa às pessoas religiosas mais descuidadas.

Em Habacuque 1:5, Deus se refere aos ímpios em Israel, aqueles que se haviam tornado descuidados e frouxos. "Vede entre as nações, olhai, maravilhai-vos, e desvanecí, porque realizo em vossos dias obra tal, que vós não credeis, quando vos for contada." A atitude deles era: "Vejam o que esse profeta anda dizendo: que Deus vai usar os caldeus. Como se Deus pudesse fazer tal coisa! Não há perigo; não lhe dêem ouvidos. Os profetas são sempre alarmistas, e nos ameaçam com o mal. Que idéia essa de que Deus há de suscitar um povo como os caldeus para castigar a Israel! Isso é impossível!" A dificuldade de Israel é que o povo não acreditava nos profetas. Mas Deus tratou o povo exatamente como disse que faria.

A atitude que encontramos em Israel é tão antiga quanto à que o povo tinha na época do Dilúvio. Por meio de Noé, Deus advertiu o mundo antigo, do juízo, dizendo: "Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem". Os homens porém, zombaram dizendo que tal coisa era monstruosa e não poderia acontecer. Deu-se o mesmo com Sodoma e Gomorra. As pessoas despreocupadas nunca poderiam crer que suas cidades seriam destruídas. Diziam que Deus interviria antes que tal acontecesse, e continuaram em seus caminhos indolentes na esperança de que Deus as livraria sem muita dificuldade para elas. No tempo de Habacuque a atitude era a mesma. Mas aconteceu que Deus suscitou os caldeus, e Israel foi atacado e conquistado. A nação foi devastada e levada para o cativeiro.

Encontramos o exemplo mais patente deste princípio no capítulo 13 de Atos, onde o apóstolo Paulo cita o quinto versículo do primeiro capítulo de Habacuque aplicando-o aos seus contemporâneos. O que, em realidade, ele declara é: "Não, vós não credes, como não creram vossos pais. Visto que Israel não reconheceu o seu Messias, e até o crucificou, e agora se recusa a crer no evangelho por ele anunciado, Deus vai, afinal, atuar em juízo. Ele vai suscitar o poder romano para saquear e destruir vosso templo, e vós sereis desterrados entre as nações. Sei que não credes nisto, porque o profeta Habacuque já o profetizou, e continuais a ignorar sua mensagem." O ano 70 d. C. chegou, inexoravelmente. As legiões romanas cercaram Jerusalém e a destruíram, e os judeus foram espalhados entre as nações, onde permanecem até hoje. É verdade que os religiosos descuidados nunca crêem nos profetas. Sempre dizem: "Deus nunca fará tais coisas!" Quero, porém, lembrar-lhe que Deus o faz. Ele pode estar usando o comunismo em nosso tempo para castigar seu próprio povo e ensinar-lhe uma lição. Não ousamos, pois, continuar a ser complacentes e indolentes, dizendo estar fora de cogitação que Deus possa usar tal instrumento. Não devemos permitir ser induzidos ao estado dos que habitam comodamente em Sião e não lêem os sinais dos tempos.

B. Pelo mundo

Em segundo lugar, os caminhos de Deus são surpreendentes para o mundo. "Então passam como passa o vento, e seguem; fazem-se culpados esses, cujo poder é o seu deus" (Habacuque 1:11). Os caldeus falharam completamente em compreender que Deus os estava usando, atribuíram todo o êxito alcançado ao seu próprio deus. Pensavam que deviam o sucesso às suas proezas militares, e se vangloriavam do fato. Mas Deus logo ia demonstrar-lhes que as coisas não eram assim, e que como ele os havia suscitado, do mesmo modo podia abatê-los. O mundo, mais até do que o próprio povo de Deus, deixa de entender os caminhos divinos. As arrogantes potências, que Deus tem usado para os seus próprios desígnios em várias épocas da história, sempre se orgulharam de suas realizações. O orgulho do mundo moderno pelo progresso científico e pelos sistemas políticos é típico desta situação. Visto como os inimigos da fé cristã vêem a Igreja

enlanguescendo-se e eles em ascendência, atribuem esse êxito "ao seu próprio deus". Não compreendem o verdadeiro significado da história. Grandes potências têm-se levantado e conquistado por algum tempo, mas sempre se embriagam com seu próprio sucesso. E, de súbito, chega a sua vez de serem abatidas. O verdadeiro significado da história nunca lhes passa pela cabeça.

C. Pelo próprio profeta

Finalmente, os caminhos de Deus eram desconcertantes até para o próprio profeta. Porém sua reação foi muito diferente da do povo. Ele só queria saber como isto se reconciliaria com a santidade de Deus. Ele exclama: "Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? gritar-te-ei: Violência! e não salvarás? Por que me mostras a iniquidade, e me fazes ver a opressão? Pois a destruição e a violência estão diante de mim; há contendas, e o litígio se suscita."

* * *

Deve ser suficiente estabelecer os seguintes princípios bíblicos gerais por meio de uma resposta a este problema da história:

I. A história está sob controle divino

"Pois eis que suscito os caldeus, nação amarga e impetuosa." Deus controla não somente a Israel, mas também seus próprios inimigos, os caldeus. Toda nação da terra está sob a mão divina, porque não há poder neste mundo que, em última instância, não seja por ele controlado. As coisas não são o que aparentam. Parecia que a astuta façanha militar dos caldeus é que os levava a uma posição de ascendência. Mas não foi assim, de maneira alguma, porque Deus é que os suscitara. Deus é o Senhor da história. Ele está sentado nos céus, e as nações são para ele "como gafanhotos, como um pingo que cai dum balde, e como um grão de pó na balança". A Bíblia afirma que Deus está acima de tudo. Ele começou o processo histórico, controla-o, e põe-lhe-á um fim. Jamais devemos perder de vista este fato decisivo.

II. A história segue um plano divino

As coisas não acontecem por acaso. Os acontecimentos não são simplesmente acidentais, porque há um plano definido da história e tudo foi pré-organizado desde o começo. Deus que "vê o fim desde o princípio" tem um propósito em tudo, e conhece os "tempos ou épocas". Ele sabe quando deve ou não abençoar a Israel. Tudo está em suas mãos. Foi quando veio "a plenitude do tempo" que Deus enviou seu Filho. Ele permitiu que primeiro viessem os grandes filósofos, com sua clarificação do pensamento. Depois surgiram os romanos, famosos pelo governo ordenado, construindo estradas e espalhando seu maravilhoso sistema legal por todo o mundo. Só depois de ter planejado tudo foi que Deus enviou o seu Filho.

Há um propósito na história, e o que acontece em pleno século vinte não é acidental. Lembrando-nos de que a Igreja está no centro do plano de Deus, não nos esqueçamos jamais do orgulho e da arrogância da Igreja no século dezenove. Ei-la reclinando-se na auto-satisfação, desfrutando de seus assim chamados sermões cultos e ministério erudito, sentindo-se um bocadinho envergonhada de mencionar coisas tais como conversão e obra do Espírito Santo. Observe o homem próspero da era vitoriana gozando confortavelmente sua adoração. Note sua fé na ciência e sua prontidão em colocar a filosofia no lugar da revelação. Com que constância ele nega o

verdadeiro espírito do Novo Testamento! Sim, a igreja necessitava de castigo, e não é muito difícil entender o século vinte quando consideramos a história do século dezenove. Há, de veras, um plano em todas essas coisas.

III. A história segue um horário divino

Deus não se detém para consultar-nos, e tudo ocorre segundo "o conselho da sua vontade". Deus tem o seu tempo; ele tem seu próprio caminho; ele age e trabalha conseqüentemente.

IV. A história está ligada ao reino divino

A chave da história do mundo é o reino de Deus. A história das demais nações mencionadas no Antigo Testamento só tem importância quando se relaciona com o destino de Israel. E, em última instância, a história hodierna só tem importância em relação com a história da Igreja Cristã. O que realmente importa no mundo é o reino de Deus. Desde o princípio, desde a queda do homem, Deus vem trabalhando no estabelecimento de um novo reino no mundo. E o seu próprio reino, e ele está chamando as gentes do mundo para esse reino; e tudo o que acontece no mundo relaciona-se com o reino que ainda está em processo de formação, mas que atingirá sua consumação perfeita. Outros acontecimentos só têm importância em relação com esse evento. Os problemas de nossos dias só devem ser entendidos à sua luz. O que Deus permite na Igreja e no mundo hoje está relacionado com seu grande propósito para a Igreja e para o reino.

Não nos desconcertemos, portanto, quando virmos coisas surpreendentes acontecendo no mundo. Antes, perguntemo-nos: "Que relação tem este acontecimento com o reino de Deus?" Ou, se estiverem acontecendo a você coisas estranhas, não se queixe, mas diga: "Que é que Deus está querendo me ensinar com isso? Que há em mim que necessita de correção? Onde errei e por que está Deus permitindo que essas coisas aconteçam?" Não temos por que desnortear-nos e duvidar do amor ou da justiça divina. Se Deus não fosse bondoso bastante e respondesse de imediato a algumas de nossas orações a nosso modo, seríamos cristãos muito pobres. Felizmente, às vezes Deus demora para responder a fim de eliminar o egoísmo ou coisas que não deveriam fazer parte de nossa vida. Ele está interessado em nós, e tenciona adaptar-nos para uma posição mais plena em seu reino. Devemos portanto, julgar todo acontecimento à luz do grande, eterno e glorioso propósito de Deus.

A perplexidade do profeta

Habacuque 1:12-17
(especialmente vv. 12 e 13)

É importante que o cristão não somente leia os jornais e compreenda o que está acontecendo no mundo, mas também entenda o significado dos acontecimentos. Há, em nosso tempo, graves perigos ameaçando a Igreja e, a menos que seja cuidadosa, pode, à semelhança de Israel do passado, entrar em alianças políticas para evitar exatamente o que Deus ordenou. É essencial que a Igreja não veja as coisas com olho político, mas aprenda a interpretar os acontecimentos de modo espiritual e a entendê-los à luz das instruções divinas. Aquilo que para o homem natural é inteiramente detestável, e até desastroso, pode ser exatamente o que Deus está usando para castigar-nos e restaurar-nos a um correto relacionamento com ele. Assim, não devemos saltar para conclusões precipitadas.

I - A importância dos métodos certos

A maioria dos problemas e perplexidades da vida cristã surge da falta do *método* certo encará-los. É muito mais importante conhecermos o método de atacar do que ter resposta simplistas para problemas particulares. Geralmente as pessoas desejam resposta clara para uma pergunta específica, mas a Bíblia nem sempre nos dá o que desejamos. Contudo ela nos ensina um método. Temos a tendência para entrar em pânico e saltar para conclusões falsas quando acontece o inesperado e quando Deus nos trata de uma maneira estranha e inusitada. O Salmo 73 adverte-nos do perigo de usar os lábios insensatamente. O salmista, vendo certos males, exclamou: "Com efeito, inutilmente conservei puro o coração e lavei as mãos na inocência." Havia vantagem, pois, em ser religioso? Mas de súbito ele se deteve e disse: "Se eu pensara em falar tais palavras...", percebendo que havia falado insensatamente.

Devemos descobrir o modo certo de agir em toda situação. O problema pode vir de forma pessoal; pode vir no âmbito nacional; ou pode atingir-nos como cidadãos do mundo na esfera mais ampla dos acontecimentos históricos. Por isso, analisemos com cuidado este exemplo perfeito do método de enfrentar a situação encontrado na Bíblia.

II. O método descrito

A. Pare para pensar

A primeira regra é pensar em vez de falar. "Pronto para ouvir", diz Tiago, "tardio para falar, tardio para se irar" (Tiago 1:19). O problema é que somos prontos para falar, prontos para irar-nos mas tardios para pensar. Contudo, de o com este profeta, a primeira coisa a fazer ponderar. Antes de expressarmos nossas reações devemos disciplinar-nos para pensar. Pode parecer supérfluo acentuar este ponto, mas sabemos muito bem que aqui é onde no mais das vezes erramos.

B. Reformule princípios básicos

Diz a regra seguinte que quando a pessoa começa a pensar, não deve fazê-lo com seu problema imediato. Comece um pouco para trás. Aplique a estratégia do ataque indireto, um princípio bem conhecido no planejamento militar. O inimigo na última guerra era a Alemanha, mas os Aliados começaram a derrotá-la no norte da África, uma estratégia de ataque indireto. Esse método é, às vezes, de vital importância na vida espiritual, especialmente quando nos vemos às voltas com um problema como o que temos perante nós. Precisamos começar a pensar um pouco para trás e atacar o problema imediato indiretamente.

Devemos lembrar-nos, primeiro, das coisas sobre as quais estamos absolutamente certos, coisas que estão inteiramente fora de dúvida. Anote-as e diga a si mesmo: "Nesta situação terrível e desnorteante em que me encontro, aqui pelo menos o terreno é sólido." Quando, caminhando nos pantanais, ou numa cadeia de montanhas, deparamos com atoleiros, o único modo de atravessá-los com êxito é encontrar lugares sólidos onde colocar os pés. O único meio de cruzar os brejos e pantanais é procurar apoio para os pés. Assim, no que tange aos problemas espirituais, é preciso voltar aos princípios eternos e absolutos. A psicologia deste princípio é óbvia, porque no momento em que voltamos para os princípios básicos, imediatamente começamos a perder o pânico. É muito importante tranquilizar a alma com as coisas que estão além de discussão.

C. Aplique os princípios ao problema

Havendo, pois, feito isso, a pessoa pode dar o passo seguinte. Coloque o problema particular no contexto dos princípios sólidos que lhe estão diante. A realidade é que todos os problemas têm solução, contanto que sejam postos no devido contexto. O modo de interpretar um texto difícil da Bíblia é considerar o seu contexto. Muitas vezes confundimos o significado de uma frase porque a retiramos do contexto; mas quando colocamos a passagem problema no seu contexto, geralmente este nos interpretará o trecho. O mesmo princípio aplica-se ao problema que lhe está preocupando.

D. Se ainda houver dúvida, entregue o problema a Deus, com fé

Isso nos conduz ao passo final deste método. Se a resposta *ainda* não lhe é clara, então leve a dificuldade a Deus em oração e deixe-a com ele. Foi isso que o profeta fez em 1:13. No versículo anterior e na primeira parte do versículo 13, o profeta ainda estava claramente perplexo, por isso ele levou o problema a Deus e o deixou lá. Uma vez que temos o método certo, podemos aplicá-lo a qualquer problema: aos fatos estranhos de Deus com uma nação, aos problemas do Ido ou igualmente às dificuldades pessoais. Seja qual for o problema, pare para pensar, formule as proposições, traga-o para esse contexto, e depois, se ainda estiver em dúvida, leve-o a Deus e deixe-o ali.

* * *

Acompanhemos o profeta enquanto ele aplica este método aos dois principais problemas que o perturbavam: o da aparente fraqueza e derrota de Deus, e o de reconciliar o caráter divino com o uso que Deus faz do exército caldeu.

I. O problema da inação divina

As pessoas perguntaram naquela época: Por que Deus permitiu que o exército caldeu se comportasse como quis e com resultados tão devastadores? Era ele impotente em face dessa potência inimiga? As pessoas ainda perguntam hoje: Por que Deus permitiu o surgimento da "alta crítica" e de outras influências debilitadoras? Por que ele tolera tais coisas? Por que não intervêm? Será que Deus não pode detê-las? Ou, de novo: Por que Deus permite a guerra?

A. Deus é eterno

Depois de expor sua dificuldade, o profeta declara: "Não és tu desde a eternidade?" (1:12). Como vemos, ele está formulando uma propósito. Esquece-se por um momento do problema imediato, e pergunta a si mesmo: que sabia ele a respeito de Deus? A primeira coisa era: "Não és tu desde a eternidade?" Anteriormente ele havia dito (1:11) que os caldeus, orgulhosos com o sucesso, atribuíam seu poder ao seu deus; e no momento em que disse isso, começou a pensar:

"O deus deles — o que era esse deus? Apenas algo que eles mesmos haviam criado. O Bel deles era de sua própria fabricação!" (cf. Isaías 46) p enquanto assim pensava, lembrou-se de *aleo* que tinha certeza. Deus é o Deus eterno, de eternidade a eternidade. Ele não é como os deuses de criação humana; ele não é como o deus do orgulhoso exército caldeu; ele é Deus de eternidade a eternidade, o Deus eterno. Nada há mais consolador ou tranquilizador, quando nos encontramos oprimidos pelos problemas da história, e quando desejamos saber o que deve acontecer no mundo, do que lembrar-nos de que o Deus a quem adoramos está fora do fluxo da história. Ele precedeu a história; ele criou a história. Seu trono está acima do mundo e fora do tempo. Ele, o Deus eterno, reina na eternidade.

B. Deus é auto-existente

Então o profeta acrescenta algo mais: "Não és tu desde a eternidade, ó Senhor", e ao dizer *Senhor* usa o grande nome de "Jeová". "Não és tu desde a eternidade, ó Jeová?" Esse nome diz--nos que Deus é o auto-existente, o eterno EU SOU. "Assim dirás aos filhos de Israel", Deus havia dito a Moisés, "EU SOU me enviou a vós outros." O nome "EU SOU o que SOU" significa: "Eu sou o Absoluto, o auto-existente." Aqui está a segunda proposição vital. Deus não depende, em nenhum sentido, de nada que acontece no mundo, mas existe em si mesmo. Não só Ele *não é* dependente do mundo, mas nunca teria necessidade de criá-lo se não o desejasse. A tremenda verdade concernente à Trindade é que uma vida eternamente auto-existente reside na Divindade—Pai, Filho e Espírito Santo. Aqui, de novo, está a maravilhosa certeza: "Estou certo de que Deus não depende deste mundo, porque é auto-existente: ele é Senhor, é Jeová, o grande EU SOU." O problema começa a desaparecer.

C. Deus é santo

O profeta traz, então, à lembrança que outro absoluto de Deus é sua santidade. "Não és tu desde a eternidade, ó Senhor meu Deus, ó meu Santo?" Habacuque está seguro não sei da existência eterna de Deus, não só de sua auto-existência, e de sua independência de tudo e de todos, mas de que ele é o "Santo", total e absolutamente justo e santo, "um fogo consumidor". "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma." No momento em que consideramos as Escrituras dessa maneira, somos obrigados a perguntar: "Pode o Senhor da terra cometer injustiça?" Tal coisa é inimaginável.

D. Deus é todo-poderoso

Vem, a seguir, a próxima proposição do profeta. Diz ele: "O Senhor, para executar juízo puseste aquele povo; tu, ó Rocha, o fundaste para servir de disciplina." Assim, outra coisa da qual ele está certo é que Deus é todo-poderoso. O Deus que do nada criou o mundo, que disse: "Haja luz" e houve luz, tem poder absoluto, tem poder ilimitado. Ele é a "Rocha".

E. Deus é fiel

Há, entretanto, outra proposição que o profeta apresenta concernente a Deus, que é, em muitos sentidos, a mais importante de todas com respeito ao problema com o qual se defronta: "Não és tu desde a eternidade, ó Senhor meu Deus ó meu Santo? Não morreremos." Que significam estas palavras: "Meu Deus, meu Santo, não morreremos"? Ele está-se recordando de que Deus é o Deus da aliança. Embora independente e absoluto, eterno, poderoso, justo e santo, não obstante Deus condescendeu em fazer aliança com os homens. Fez uma aliança com Abraão, à qual o profeta se refere aqui, e renovou esta aliança com Isaque e com Jacó. Renovou-a outra vez com Davi. Foi esta aliança que deu a Israel o direito de voltar-se para Deus e dizer: "Meu Deus, meu Santo." O profeta lembra-se de que Deus disse: "Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo." Para esses santos homens, para os profetas, e para todos quantos tinham discernimento espiritual em Israel, este fato era mais significativo do que qualquer outra coisa. Conquanto cressem nos atributos eternos de Deus, podiam sentir arrepios em face da idéia de que tal Deus pudesse estar distante nos céus e esquecido das necessidades do povo. Mas o que vinculava Deus ao povo era o conhecimento de que era um Deus fiel, que cumpria a aliança. Ele dera a sua palavra e jamais a quebraria. Pensando na aliança, o profeta pode dizer: "Meu Deus Santo" e acrescenta: "Não morreremos, exército caldeu podia fazer o que quisesse, nunca exterminaria a Israel, porque Deus havia feito determinadas promessas que jamais quebraria.

Havendo formulado suas proposições, o profeta agora traz o problema para o contexto desses princípios absolutos e eternos. E isto é o que ele diz: "Para executar juízo puseste aquele . o fundaste para servir de disciplina." Ele deduz sua resposta à pergunta acerca dos caldeus raciocinando: "Deus os deve estar suscitando para o benefício de Israel; disto posso estar absolutamente certo. Não que os caldeus tenham tomado a lei em suas próprias mãos; não que Deus não possa restringi-los. Tais coisas são impossíveis em face de minhas proposições. Deus está apenas utilizando-os para seus próprios fins ("Para executar juízo puseste aquele povo; fundaste-o para servir de disciplina"); e ele está levando a cabo esses fins. Não entendo plenamente o problema, mas estou bem seguro de que não seremos exterminados. Este não será o fim da história de Israel; embora, segundo a descrição, aparentemente sobrarão bem poucos, seremos levados para o cativeiro. Mas ficará um remanescente, porque o Todo-poderoso ainda é Deus, e ele está usando os caldeus para fazer algo que está dentro do propósito da aliança. Deus não está revelando fraqueza. Ele não está sendo derrotado. Deus, pelo fato de ser o que é, está fazendo isto, e o faz para seu próprio nobre fim e objetivo."

III. O problema de reconciliar o caráter santo de Deus com o uso que ele faz dos caldeus

Vamos, porém, ao segundo problema. Se Deus é todo-poderoso, e se ele está no controle dos acontecimentos, como podem estes reconciliar-se com seu caráter santo? Se admitimos o poder de Deus, e vemos que os caldeus não passam de instrumentos nas mãos divinas, e que seu êxito não é devido ao seu próprio deus, ainda devemos perguntar como um Deus santo permite que tais coisas ocorram. Habacuque aplica o método anterior.

A. Um Deus santo odeia o pecado e não pode fazer o mal

Ele começa dizendo: "Disto estou seguro: Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a opressão não podes contemplar' (1:13). Posso não estar certo a respeito de algumas coisas, mas isto eu sei: Deus não pode ver o mal sem odiá-lo. Ele o detesta." Todo o mal que existe no mundo é totalmente repugnante para Deus por causa de sua pureza. Ele é tão puro de olhos que não pode ver o mal com complacência. Deus e o mal são oponentes eternos. Qualquer coisa injusta ou cruel distancia-se muito do caráter de Deus. Não há injustiça em Deus; quanto a isto, não há dúvida. Ele não só não tenta o homem, mas não pode ser tentado pelo mal. "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma."

Havendo afirmado isto, o profeta se volta imediatamente para uma dificuldade desconcertante. "Se isto é verdadeiro a teu respeito, ó Deus", diz ele, "por que, pois, toleras os que procedem perfidamente, e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele?" Como podia Deus permitir que os caldeus fizessem isto ao seu próprio povo? O povo do profeta podia ser mau, mas os caldeus eram piores. Ou, traduzindo para uma forma moderna, os cristãos dizem: "Estou pronto a admitir que a Igreja vem apostatando durante anos, mas os comunistas são ímpios. Como pode Deus permitir as coisas que estão acontecendo?" Ou, aplicando-o mais pessoalmente, muitas vezes os homens protestam: "Admito que não sou tudo o que devia ser; mas fulano de tal é pior, e no entanto prospera." Qual é a resposta?

B. Portanto entrego a Deus o problema não solucionado

Neste parágrafo o profeta não recebe resposta alguma. Para a primeira pergunta acerca do poder de Deus, Habacuque teve uma resposta positiva. Mas o problema da santidade de Deus é mais difícil. Mesmo depois de demonstrar seus princípios absolutos e de colocar o problema neste contexto, ainda não há resposta clara. Por experiência sabemos que muitas vezes é assim. Aplicamos o método que funcionou tão bem em outros casos, porém não recebemos resposta imediata. Que fazer num caso assim? Certamente que não devemos apressar-nos a dizer: "Visto como não entendo isto, tenho cá minhas dúvidas de que Deus seja justo." Não! Se a pessoa ainda não entende, depois de aplicar os métodos dados por Deus, então deve falar com ele a respeito. Cometemos um erro quando conversamos com nós mesmos e depois com outras pessoas, e perguntamos: "Por que isto? Não é estranho?" Devemos fazer o que o profeta fez: levar o problema a Deus e deixá-lo com ele.

C. O exemplo do Filho de Deus

O cristão pode manter-se nesta posição por uma semana, ou meses, ou anos. Muitas vezes tem acontecido assim. Mas deixe o caso com Deus! Este não é apenas o método profético; é a atitude que o próprio Filho de Deus

adotou quando esteve no mundo. O problema para ele era o de ser "feito pecado" para a salvação do homem. Ele sabia que o Pai poderia tê-lo livrado das mãos dos judeus como também das mãos dos romanos. Ele poderia ter ordenado doze legiões de anjos e escapado. Mas como ele devia ser feito pecado, e o pecado tinha de ser punido em seu corpo, ele tinha de ser separado do Pai. Era esse o problema; e o Filho de Deus defrontou-se com a maior perplexidade de sua vida humana na terra. Uma coisa que ele queria evitar era a separação do Pai. Contudo, que fez ele? Precisamente o que o profeta fez. Orou, dizendo: "Meu Pai: Se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres" (Mateus 26:39). "Não entendo isto", disse ele em realidade, "mas se este é o teu caminho, muito bem, continuarei." Levou a Deus o problema que não entendia e deixou-o ali. Podemos dizer, com reverência, que o Senhor Jesus, embora talvez não entendesse plenamente porque se fez homem, não obstante prosseguiu, confiante em que a vontade de Deus sempre é certa, e que um Deus santo nunca ordenará nada errado.

À espera da resposta de Deus

Habacuque 2:1-3

I. A atitude de fé

Depois de falar com Deus a respeito de sua perplexidade (Habacuque 1), o profeta diz, no capítulo 2: "Pôr-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza, e vigiarei para ver o que Deus me dirá, e que resposta eu terei à minha queixa" (2:1). A última frase pode significar "O que responderei quando for reprovado pelos que não gostam da minha mensagem", ou "quando sou reprovado por Deus pelo que eu disse." Mas o importante é que Habacuque agora compreende que o que lhe compete fazer é esperar em Deus. Não basta orar, contar a Deus nossas perplexidades, e lançar nossa carga sobre o Senhor. Devemos ir além e esperar em Deus.

A. Entregue seu problema a Deus

Na prática, o que significa entregar nosso problema a Deus? Primeiro, *devemos desligar-nos do problema*. As palavras do profeta, ao retratar uma torre erigida num local elevado de onde se tem uma ampla visão e uma excelente perspectiva, sugerem esta interpretação. O vigia muito acima das planícies e das multidões, ocupando uma posição vantajosa, da qual ele pode ver tudo o que acontece. "Vigiarei para ver o que Deus me dirá." Ora, aqui está um dos mais importantes princípios da vida cristã: compreensão de como combater no conflito espiritual. Uma vez que confiamos o problema a Deus, já não temos por que preocupar-nos com ele. Devemos voltar-lhe as costas e fixar os olhos em Deus.

Não é aqui, precisamente, onde nos desviamos? Temos uma perplexidade, e aplicamos o método profético de formular postulados e colocar o problema no contexto das proposições que estabelecemos. Mas ainda não encontramos satisfação, e não sabemos o que fazer. Talvez o problema seja o que fazer com a nossa vida; ou pode ser alguma situação que nos confronta, a qual envolve uma decisão difícil. Não havendo chegado a uma solução, a despeito de termos buscado a orientação do Espírito Santo, nada mais nos resta fazer senão levá-lo a Deus em oração. O que acontece com tanta frequência é isto: ajoelhamo-nos e contamos a Deus o que nos preocupa; dizemos-lhe que não podemos solucionar a dificuldade; que não podemos entender; e pedimos-lhe que trate do problema nos mostre o seu caminho. Então, no momento nos levantamos, começamos a preocupar-nos de novo com o problema.

Ora se fazemos, não há razão para orar. Se levamos o problema a Deus, devemos deixá-lo com Ele. Não temos o direito de continuar ocupados. Em sua perplexidade, Habacuque • "Vou sair deste vale de depressão; vou para a torre de vigia; vou galgar as alturas; vou olhar a Deus e para ele somente" — um dos mais importantes segredos da vida cristã! Se a pessoa entregou o problema a Deus e continua pensando nele, significa que suas orações não eram autênticas. Se, ajoelhado, o indivíduo contou a Deus que havia chegado a um impasse; que não podia resolver o problema, e que o estava transferindo para ele, então deixe a dificuldade com ele. Deve recusar-se, resolutamente, a pensar ou a falar sobre o assunto. Não deve dizer ao primeiro cristão que encontrar: "Sabe de uma coisa? Estou com um problema horrível; não sei o que fazer." Não discuta o caso. Deixe-o com Deus e vá para a torre de vigia. Pode ser que este passo não nos seja fácil. Talvez tenhamos de forçar-nos a fazer isto. Não obstante, é essencial. Nunca devemos

permitir que uma dificuldade se leve ao fundo; que um problema nos tranca-se. Devemos sair de tal situação imediatamente - "Pôr-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza." Temos de desembaraçar-nos deliberadamente, puxar-nos para fora do problema, por assim dizer, para desligar-nos totalmente dele, e então tomar nossa posição de olhar somente para Deus.

Nas próprias Escrituras e na biografia encontramos inúmeros exemplos deste importante princípio da vida de fé. Olhar para Deus significa que não tratamos pessoalmente do problema, não consultamos outras pessoas mas dependemos inteiramente de Deus e "esperamos somente nele.

Habacuque olhou para o problema, mas não conseguiu ver luz alguma. Lutava com o fato de que Deus ia tomar os temíveis caldeus, povo muitíssimo pior do que sua própria nação, e usá-los para seu propósito. Era uma coisa que o profeta não podia entender, nem reconciliar com a santidade divina. Mas podia levá-la a Deus, e de fato a levou. Havendo assim feito, olhou para Deus e parou de olhar para sua dificuldade. Essa é a verdadeira base da paz espiritual. Foi exatamente isso o que Paulo quis dizer quando afirmou: "Não andeis ansiosos de coisa alguma" (veja Filipenses 4:6, 7). Não importa qual seja a causa; nunca nos deixemos estar ansiosos, e nunca nos deixemos sobrecarregar ou desgastar pelos cuidados. Não temos o direito de perturbar-nos; nunca devemos ter esse cuidado ansioso que não só é espiritualmente paralisante como também fisicamente debilitante. Nunca andemos ansiosos, mas "em tudo" — e essa frase é toda-inclusiva — "sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça." E então, "a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes « Cristo Jesus." Subamos à torre de vigia e mantenhamo-nos olhando para Deus. Não olhemos para nada mais, muito menos para o problema, que nos aflige.

B. Aguarde uma resposta de Deus

Mas devemos ir além e *buscar a resposta*. -Vigiarei para ver", diz este homem. A tarefa do «a militar é manter o olho na paisagem que está à sua frente, a fim de observar o mais leve indício de movimento por parte do inimigo. Habacuque está procurando a resposta. Tantas vezes falhamos só porque oramos a Deus e depois nos esquecemos. Se oramos, devemos esperar pelas respostas. Na realidade, depois de haveremos orado, continuamos a confiar em Deus e a aguardar ansiosamente a resposta? Somos como este homem em sua torre de vigia, esperando que ela venha a qualquer momento? Deus, é claro, pode responder de muitas formas diferentes. Por exemplo, podemos esperar que Deus nos responda enquanto lemos a sua Palavra, pois esse é o meio mais comum de todos de que ele faz uso. Enquanto estamos lendo a Bíblia, percebemos de repente que uma estranha e maravilhosa luz jorra sobre nosso problema. Se dissermos a nós mesmos: "Esta é a palavra de Deus através da qual ele fala aos homens; eu gostaria de saber o que ele tem para dizer-me", então é provável que obtenhamos a resposta. Vigiem e esperemos, -teus também às vezes responde diretamente ao espírito. O profeta disse: "Vigiarei para ver o que Deus me dirá." A Versão do Rei Tiago diz à margem: "Vigiarei para ver o que Deus diz em mim." Deus me fala falando em mim. Ele pode, assim, por alguma coisa em nossa que nos certifique da resposta. Ele pode imprimir algo em nosso espírito de uma maneira inconfundível. Sentimo-nos incapazes de livrar-nos de uma impressão que está em nossa mente; tentamos livrar-nos dela, porém ela volta. Deus responde assim, às vezes.

Outras vezes ele responde às nossas orações ordenando com tal

providência nossas circunstâncias e os acontecimentos cotidianos da vida que se torna claro o que Deus está dizendo Deus nunca nos chama para fazer qualquer trabalho sem abrir a porta. Ele pode demorar muito tempo, mas se deseja que realizemos algum trabalho especial, fechará as demais portas e abrirá uma particular. Nossa vida toda será dirigida para esse fim. Esta é uma experiência comum da vida cristã. Muitas vezes Deus permite que surjam obstáculos, mas o caminho adiante permanece claro. A vontade de Deus é certa. O importante é que estejamos *procurando* as respostas, e prontos para reconhecê-las quando chegarem. Uma vez entregue o problema a Deus, devo esperar que ele responda. Também devo comparar um sinal de orientação com outro, porque se Deus é sempre consistente consigo mesmo e em seus tratos comigo, posso esperar que tudo se encaminhe para um mesmo ponto.

C. Vigie e aguarde a resposta

O terceiro e último princípio que nos é dado como exemplo é que *devemos vigiar zelosa e persistentemente*, à semelhança do vigia em sua Devemos crer que Deus é sempre fiel a sua palavra, e que suas promessas nunca falham. Assim entregando-me e entregando meu problema a Deus, devo persistir em buscar com a confiança de que ele responderá. Desonramos a e não procedermos dessa forma. Se creio que Deus é meu Pai, e que os próprios cabelos da minha cabeça estão todos contados, e que Deus está muito mais interessado em meu bem-estar do que eu próprio; e se creio que Deus está muito mais interessado do que eu na honra de seu grande e santo nome, então certamente desonro a Deus se não esperar uma resposta à minha oração. Nada revela tanto o caráter de nossa fé como o que faremos depois de havermos orado. Os homens de fé não somente oraram, mas esperaram respostas às suas orações. Às vezes, oramos a Deus numa hora de pânico; depois, passado esse momento, esquecemo-nos do que pedimos. A esperança da resposta é o teste da nossa fé. O profeta pôs-se a vigiar na fortaleza. Embora não conseguisse entender as ações de Deus, levou o problema a ele e procurou a resposta.

II. Fé recompensada

Os versículos 2 e 3 do capítulo 2 contêm a resposta dada a Habacuque. "Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo. Porque a visão ainda está cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim, e não falhará; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará."

Esta lição é valiosa. É uma lei absoluta do espiritual que se adotarmos o método de Habacuque e fizermos o que ele fez. Deus sempre honra as suas promessas. Em realidade, Deus disse: "Está bem, Habacuque; ouvi sua oração; entendi sua perplexidade. Eis a minha resposta. Os caldeus, que vou suscitar para castigar à Israel, serão, por sua vez, completamente extirpados e destruídos." A grandeza dos caldeus duraria pouco tempo. Fora Deus quem, para um propósito especial, os suscitara; mas eles receberam a glória e se enfiaram com um senso de seu próprio poder. Então Deus suscitou os medos e os persas que destruíram por completo os caldeus. Deus disse ao profeta que escrevesse a profecia com muita clareza, de sorte que qualquer que a lesse pudesse, de imediato, entender e apressar-se a obedecer e advertir a outros.

III. A verdadeira natureza da profecia

Chegamos agora ao assunto da profecia em geral. Ao analisar o problema contemporâneo acerca da natureza da história e da sua filosofia bíblica, é de primordial importância que entendamos a verdadeira natureza da profecia. A profecia ocupa grande espaço na Bíblia. Nada há, por certo, que traga maior conforto e consolação ao crente do que compreender a natureza da profecia. A profecia é fundamental ao ensino bíblico acerca da revelação de Deus ao homem. Por isso que, durante os últimos cem anos, o ataque verdadeira fé cristã geralmente se concentrou neste assunto. A incredulidade é sempre crítica da profecia. O ensino das Escrituras sobre os milagres é, de igual modo, o ponto em torno do qual gira a posição toda da verdadeira fé evangélica. Conseqüentemente, o racionalismo tem-se preocupado muito em negar a visão bíblica da profecia e também os milagres, visto que estes são as manifestações supremas do elemento sobrenatural na história e na Bíblia.

A. É a revelação de Deus ao homem

Portanto, o livro de Habacuque declara que a profecia é antes de tudo, *algo revelado por Deus ao homem*. "Escreve a visão, grava-a sobre tábuas." Deus revelou a Habacuque o que ia ocorrer. Os racionalistas (alguns dos quais se denominam cristãos e às vezes até ocupam posições de destaque na Igreja) desprezam inteiramente essa idéia. Eles explicam a profecia dizendo que os profetas do Antigo Testamento não passavam de homens com gênio político e um discernimento claro da situação. Não concordam, de maneira alguma, que Deus tenha *revelado* coisas a esses homens. Alegam que os profetas eram profundos pensadores políticos, grandes filósofos, ou homens com intuitiva, quase instintiva compreensão das situações. Admitem, é claro, que os profetas foram homens excepcionais, possuindo à semelhança dos poetas, uma inspiração particularmente clara. Percebiam o significado do que estava acontecendo, e escreviam o que viam. Esse, porém, não é o ensino da Bíblia, que deixa claro que a essência mesma da profecia é que Deus tomou determinado homem e lhe deu uma mensagem. Por exemplo, Deus disse a Habacuque: "Você me trouxe seu problema e vou dar-lhe a resposta." Era uma revelação divina. 2 Pedro 1:20 declara com clareza: "nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação"; o que significa que a profecia não é algo que o homem elabora mentalmente, ou vaticina, ou excogita. Não é algo que procede da mente humana. A profecia é o resultado de homens santos falando como se movidos ou conduzidos pelo Espírito Santo. Ora, o interesse de Pedro era consolar os cristãos que se achavam perplexos com o que estava acontecendo. É esse também o interesse de Habacuque e o nosso hoje; e o apóstolo insiste em que os crentes prestem atenção à palavra da profecia — "Temos assim tanto mais confirmada a palavra profética" (2 Pedro 1:19). Deviam entender o que a profecia significava. Não se tratava de algo que os profetas do Antigo Testamento elaboraram, mas de algo que o Espírito Santo lhes deu para transmitirem aos outros. A profecia não é uma interpretação particular dos acontecimentos mas a verdade revelada de Deus ao homem.

B. É uma predição de acontecimentos

O segundo elemento da profecia é o de *predizer*. Aqui, também, os críticos fazem objeção. Eles definem a profecia não como uma predição, mas apenas como uma "proclamação", uma forma de ensino. A profecia é, sem dúvida, uma proclamação, e uma forma de ensino; mas um fato essencial dessa forma de ensino é que o profeta diz com antecedência, ou prediz, o que vai acontecer no futuro. Deus disse a Habacuque duas coisas muito antes que elas viessem a acontecer: que ia suscitar os caldeus e que, depois de haverem

conquistado a Israel e de estarem gozando de supremacia internacional, seriam subitamente destruídos. Devemos insistir em que acontecimentos de grande importância foram revelados com antecedência aos profetas que Deus suscitava de tempos em tempos para advertir e reprová-los a Israel.

C. É de cumprimento seguro

Há outro elemento de supremo consolo para o crente: o cumprimento da profecia é *seguro*. "Escreve a visão, grava-a sobre tábuas. . . porque a visão ainda está para cumprir-se." Os acontecimentos preditos seguramente ocorrerão no devido curso, e no tempo de Deus. "Se tardar, espera-o." Ela pode tardar, mas nada pode impedir ou frustrar seu cumprimento. "Certamente virá", disse Deus. E preciso avisar o povo. O que Deus prometeu, certamente executará. Há um tom de finalização completa em toda profecia bíblica.

D. É de cumprimento exato

O último elemento da profecia, talvez o mais maravilhoso de todos, é que ela é *exata* — "Escreve a visão, grava-a. . . Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim, e não falhará." O tempo para o cumprimento está fixado. O momento exato é determinado por Deus. Este é um princípio vital da profecia. Deus não só prediz o que vai acontecer; não só o revela ao seu servo, e não só o lembra de que o fato é absolutamente seguro, mas acrescenta que ocorrerá no exato minuto indicado, e que não se atrasará nem uma fração de segundo.

Se quisermos manter calma e alegria nestes tempos difíceis em que vivemos é de vital importância que compreendamos os grandes princípios da profecia divina. O Antigo Testamento está repleto deles. Observe como Deus predisse o dilúvio. Cento e vinte anos se passaram e nada parecia ser mais improvável. As pessoas riam-se de Noé. Mas no tempo indicado, o dilúvio veio. Foi assim também no caso de Sodoma e Gomorra. Havia um momento divinamente predeterminado, e quando chegou a hora, Deus agiu. O exemplo mais impressionante encontra-se na vida de Abraão. No capítulo 15 do livro de Gênesis lemos: "Sabe, com certeza, que a tua descendência será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas" (vs. 13, 14). Mais tarde, em Êxodo 12:40, 41, lemos: "Ora o tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos. Aconteceu que, ao cabo dos quatrocentos e trinta anos, nesse mesmo dia, todas as hostes do Senhor saíram da terra do Egito." Que exatidão! — "nesse mesmo dia". Assim também no caso de Habacuque não haverá demora de um segundo. Deus fixou "o tempo determinado". A Jeremias foi revelado que sua nação seria mantida na Babilônia durante exatamente setenta anos, ao fim dos quais o povo retornaria. Tudo isso aconteceu. De maneira semelhante, Deus habilitou a Daniel a profetizar com exatidão o tempo da vinda do Filho de Deus, o Messias.

Assim sendo, esperemos em Deus. Certamente ele mandará a resposta. Tudo o que ele ordenou, certamente e com absoluta segurança acontecerá, e no exato momento para isso determinado.

Para os cristãos de nossos dias, que vivem em perplexidade quanto a tanta coisa que acontece na Igreja e no mundo, esta é ainda a resposta de Deus. Deus não somente conhece o curso futuro da história; não somente torna claro o seu propósito para a Igreja; mas aquilo que ele decretou, acontecerá, com absoluta certeza. Às vezes é difícil entender a demora. Entretanto, "para com o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia". Aguardemos a visão; ela é certa, é segura, jamais falha.

CAPITULO QUATRO

"O justo viverá pela sua fé"

Habacuque 2:4-20 (especialmente os vv. 4, 14 e 20)

A mensagem do versículo 4 ao fim do capítulo 2 é que os caldeus, que seriam usados como instrumento para castigar Israel, seriam castigados e finalmente extirpados. Deus ia usá-los por algum tempo, mas o seu final era certo. Deus ia humilhar os caldeus e infligir-lhes uma punição terrível. Os pormenores desses versículos retratam a arrogância e a loucura dos caldeus com uma exatidão confirmada pela história secular. Para entendermos o ensino, é preciso que ressaltemos certos princípios aqui apresentados.

I. Os acontecimentos históricos devem ser interpretados à luz do reino de Deus

O importante para nós é aplicarmos esses acontecimentos à nossa situação. O caso em questão é exemplo de um princípio universal dos tratos de Deus com a humanidade. Na presente situação mundial é de máxima urgência que tenhamos uma compreensão apropriada deste princípio. Se desejamos ter paz interior, a despeito do que acontece no mundo e ao nosso redor, o único modo de consegui-lo é mediante a compreensão da filosofia bíblica da história que explica o que está acontecendo no mundo secular e sua influência sobre a Igreja de Deus. O princípio essencial é que a história só pode ser entendida em termos do reino de Deus — isto é, o governo de Deus no mundo como um todo, incluindo a Igreja. Toda a história está sendo dirigida por Deus para o seu propósito com respeito ao reino. Nosso objetivo agora é examinar este princípio pormenorizadamente.

II. Perplexidade diante dos acontecimentos correntes não é experiência nova

O problema não é novo. Nós, no século vinte, temos sido bastante tolos em imaginar que nossos problemas são excepcionais e peculiares. Não o são. Experimentamos tão-somente o que o povo de Deus experimentou muitas vezes no passado. Convém lembrar-nos de que a história se repete, e assim livrar-nos da opinião tola, enfatuada, que temos de nós mesmos. Nossas perplexidades não são de forma alguma novas. Muitos hoje acham que não podem ser cristãos por causa das dificuldades intelectuais da aparente frustração da história. Mas este problema é tão antigo quanto o próprio homem, e tem desconcertado as pessoas desde o princípio. O conhecimento moderno e os modernos acontecimentos realmente têm pouco que ver com ele, por isso, livremo-nos primeiro de qualquer vaidade intelectual. O problema é o mesmo do autor do Salmo 73 (veja Salmo 73:11, 12, 13 e ss.), ou de Habacuque, ou de Israel em geral. A epístola aos Hebreus foi escrita especificamente para elucidar este problema. Diziam, com efeito, os cristãos hebreus: "Cremos no evangelho, deixamos o Judaísmo e nos filiamos à Igreja Cristã por causa do que nos foi dito a respeito de Cristo e de sua salvação, e acerca de sua vinda para estabelecer o reino e reinar na terra. Porém ele não veio; estamos sendo perseguidos, despojados de nossos bens, e passando momentos difíceis. Qual é a resposta?"

Os cristãos aos quais Pedro escreveu foram tentados a indagar: "Onde está a promessa da sua vinda?" porque estavam sendo insultados pelos escarnecedores que diziam: "Ah, vocês creram neste evangelho e se entregaram a este Senhor Jesus Cristo. Foi-lhes dito que ele vai voltar para

reinar; mas onde está a promessa da sua vinda? Tudo parece continuar como estava!" E é digno de nota que Pedro lembra aos seus leitores que esse era um velho problema. Disse ele: "Está certo, não lhes dêem ouvidos. Isso é exatamente o que as pessoas diziam antes do dilúvio; é o que diziam antes da destruição de Sodoma e Gomorra; é o que sempre disseram." A resposta de Pedro foi: "Para com o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia. Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada." Ora, é precisamente isso que Habacuque está dizendo: "A visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim, e não falhará; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará."

A história é, também, o grande tema do livro do Apocalipse. Ele é uma previsão clara da história, uma pré-estréia de importantes acontecimentos através do longo curso da história até à consumação final. Contudo, muitos intérpretes ficam tão obcecados com o simbolismo, que perdem o tema central. Especializam-se de tal modo nos detalhes que perdem a verdade central. Deixam de ver a floresta para ver as árvores. O livro do Apocalipse é, antes de tudo, uma grande pré-estréia da história, tendo o Senhor Jesus Cristo como Aquele que controla a história abrindo "os selos". O livro contém, assim, uma mensagem de consolo, não só para os cristãos do primeiro século, mas para o povo de Cristo em todos os tempos e em todos os lugares.

III. Dois possíveis caminhos da vida: o caminho da razão e o da fé

Voltemos à passagem que estamos considerando. O versículo 4 diz: "Mas o justo viverá pela sua fé." Esta importante declaração é citada diversas vezes no Novo Testamento. Os eruditos discordam quanto à tradução exata da primeira parte do versículo. Pode ser: "Sua alma soberba não é reta nele", ou conforme declara Hebreus 10:38, Deus não tem prazer na alma daquele que retrocede. A verdade é que há somente duas atitudes possíveis para a vida neste mundo: a da fé e a da incredulidade. Ou vemos nossa vida mediante a crença que temos em Deus, e as conclusões que daí deduzimos, ou nossa perspectiva se baseia numa rejeição de Deus e das negações correspondentes. Podemos "afastar-nos" do caminho da fé em Deus, ou viver pela fé em Deus. Os próprios termos sugerem modos correspondentes de vida. Conforme o homem crê assim ele é. A crença da pessoa determina seu procedimento. O justo, o reto, viverá por fé; ou, em outras palavras, o homem que vive pela fé é justo. Por outro lado, o homem que "retrocede" é injusto porque não vive pela fé. Aqui está a grande linha divisória da vida, e todos nós nos encontramos num lado ou no outro dessa linha. Sejam quais forem minhas opiniões políticas ou filosóficas, elas devem ter este denominador comum: a minha vida é ou não baseada na fé. Se não for, pouco importam minhas opiniões, ou que eu seja controlado por considerações políticas, sociais, econômicas ou quaisquer outras. O importante é aceitar ou não o governo de Deus. Os famosos capítulos dez, onze e doze da epístola aos Hebreus expõem e exemplificam esta verdade. Temos diante de nós duas possibilidades quando encaramos o mundo hodierno e meditamos sobre o futuro curso da história. Posso observar, e meditar no que vejo; depois, lendo o que escrevem os especialistas em questões militares e políticas, os estadistas e outros, posso finalmente voltar-me para meus livros de história e, como resultado, tentar tirar minhas próprias conclusões e formar opiniões. Certamente é por isso que lemos os jornais! Dizemos: "Este indivíduo é um especialista; que pensa ele a esse respeito?" Houve especialistas que disseram que não haveria guerra em 1939. Alegavam ter examinado bem o assunto, e na sua opinião era improvável que Hitler fosse à guerra. Muitos aceitaram esta opinião e de acordo com ela fizeram seus negócios e planos. Eram governados por suas

próprias observações e deduções, pela aplicação do senso comum e por um tipo de sabedoria do mundo, ou pela perspicácia política de certos prognosticadores.

Há, contudo, outro modo de ver as coisas claramente ensinadas na Bíblia. Não se baseia em conclusões tiradas do número de divisões militares que um país tem, ou se ainda está por chegar a hora de uma nação atacar ou não. A Bíblia simplesmente declara que determinada coisa acontecerá! Ela não dá as razões. Ela apenas diz que acontecerá porque Deus assim o diz. É esse o caso que temos diante de nós concernente aos caldeus. Não se apresentam argumentos; não se faz um balanço do poderio das forças rivais; nada senão a mera declaração de Deus ao profeta. E o profeta crê na declaração e age de acordo com ela.

IV. A inevitável necessidade de escolher entre essas alternativas

Nossa vida se baseia numa ou noutra dessas duas atitudes. Ou aceito a nua e crua Palavra de Deus e vivo por ela, ou então não aceito. Se a pessoa é contra a idéia de que os profetas podem predizer o futuro, ou que os milagres e a crença no sobrenatural são inconcebíveis numa era científica e sofisticada como a nossa, está simplesmente privando-se do modo piedoso de viver. O modo bíblico é viver pela fé. "O justo viverá pela sua fé." Fé significa aceitar a Palavra de Deus do jeito que ela é e atuar de acordo com ela, porque é a Palavra de Deus. Significa crer no que Deus diz simples e exclusivamente porque ele o disse. Os heróis da fé mencionados no capítulo 11 de Hebreus creram na palavra de Deus simplesmente porque ele havia falado. Não tinham nenhum outro motivo para crer nela. Por exemplo, por que Abraão tomou a Isaque e o levou ao monte? Por que estava ele disposto a sacrificar o filho? Simplesmente porque Deus lhe disse que o fizesse.

Mas o viver pela fé é mais do que isso. Significa basear toda a nossa vida na fé em Deus. O segredo dos personagens do Antigo Testamento era que viviam "como quem vê aquele que é invisível". Preferiram, à semelhança de Moisés, "ser maltratado com o povo de Deus, a usufruir prazeres transitórios do pecado". Por um lado, na corte egípcia, havia sabedoria do mundo; por outro, a simples palavra de Deus que havia revelado a Moisés seus propósitos para o povo ao qual ele pertencia, e o destino para o qual o Senhor os estava preparando. Na ocasião eles eram escravos e tratados com crueldade. Moisés tinha somente a palavra de Deus para sua base de ação; mas abandonou a corte de Faraó e, dando as costas a perspectivas maravilhosas, saiu, como Abraão, deixando seu próprio país. Ele saiu como "quem vê aquele que é invisível." "O justo viverá pela sua fé." Esses homens apostaram tudo na palavra de Deus. Estavam preparados para sofrer por ela, e se necessário a perder tudo. A mesma perspectiva enfrentaram muitos dos primitivos cristãos. Foram colocados em situação terrível. Ordenavam-se-lhes que dissessem "César é Senhor". Mas sua resposta era: "Não podemos dizer isso porque sabemos que ele não é; há somente um Senhor, o Senhor Jesus Cristo!" "Se não disserem que César é Senhor", replicavam as autoridades, "serão lançados aos leões na arena!" Ainda assim os cristãos recusavam-se a afirmar que César era senhor. Baseados em quê? Baseados na simples palavra de Deus! Acreditavam que certa Pessoa havia nascido neste mundo em extrema pobreza em Belém, havia trabalhado como carpinteiro e finalmente morrera numa cruz. Mas também acreditavam que ele era o Senhor da glória e que havia ressuscitado dos mortos. E na força dessa crença declaravam que nunca diriam que César era Senhor. Arriscavam tudo. Morriam pela fé e na fé.

Esta é nossa posição como cristãos hoje. A escolha nos está sendo imposta mais e mais. Ainda há alguém tolo bastante para confiar neste mundo

e no que ele tem para oferecer? Qual é o princípio controlador de nossa vida? É o cálculo? É a sabedoria do mundo — uma opinião astuta, equilibrada, baseada na história e no conhecimento humanos? Ou é a Palavra de Deus, advertindo-nos de que a vida e este mundo são transitórios, e que ambos não passam de preparação para o mundo vindouro? Ela não nos diz para voltar as costas inteiramente ao mundo, mas insiste em que tenhamos dele a visão correta. Ela é enfática ao declarar que o que realmente importa é a vinda do reino de Deus. Devemos fazer a nós mesmos, como se na presença de Deus, as perguntas: Está minha vida baseada no princípio da fé? Estou-me submetendo ao fato de que aquilo que leio na Bíblia é verdadeiro e é a Palavra de Deus? Estou disposto a arriscar tudo, inclusive minha vida, neste fato? Porque "o justo viverá pela sua fé".

V. Certeza absoluta da destruição do mal e da vitória de Deus

Os cinco aís registrados neste capítulo expressam bem a verdade não só com respeito aos caldeus, mas também como um princípio universal da história. Tudo o que é mal está sob o juízo de Deus. Conquanto os caldeus fossem suscitados para florescer por um breve tempo, o limite de sua prosperidade estava absolutamente fixado. Os maus podem triunfar por algum tempo; podem "expandir-se qual cedro do Líbano", mas não duram. Sua sentença está selada. O que deixa perplexo o povo de Deus é: Por que Deus o permite? Permite-o para seus próprios propósitos, de sorte que o mundo cambaleie sob essas forças do mal, antes que Deus repentinamente mostre seu poder e manifeste sua soberania. O princípio ao qual devemos apegar-nos é que Deus está sobre todas as coisas. "O caminho dos prevaricadores é áspero", seja ele o de um indivíduo, de uma nação ou do mundo todo. O homem pode adquirir riquezas usando métodos iníquos nos negócios e chegar ao topo. Mas veja o fim do ímpio! Veja-o moribundo em seu leito; veja-o sepultado num túmulo, e pense na condenação e no ai que são seu destino! Devíamos sentir tristeza pelos ímpios, porque são loucos bastante para embriagar-se com o êxito temporal. Seu fim está fixado.

Assim também acontece com as nações. Leia a respeito dos impérios iníquos, e como pareciam ter o mundo todo aos seus pés — Egito, Babilônia, Grécia, Roma! Recorde-se, porém, de seu fim. Durante a era cristã aconteceu a mesma coisa. Houve uma época em que parecia que os turcos dominariam o mundo; mas finalmente caíram. Nação após nação se levantaram para depois cair. Chegou a hora em que o ai pronunciado por Deus entrou em vigor. Nós mesmos temos vivido numa época em que se vê este princípio em operação. E aconteça o que acontecer no mundo atual, o princípio ainda funciona. O ai é sobre os caminhos de todos os que se opõem a Deus. Estão condenados. Podem alcançar grande êxito temporário, e devemos estar preparados para isso; podem, aparentemente, abarcar o universo, mas tão certo quanto sua estrela brilhou, ela se apagará. O ai, o juízo, a sentença de Deus sobre o injusto é certo.

Voltando-nos para o aspecto positivo desta verdade (v. 14), lemos: "Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar." A ninguém cabe tentar predizer com detalhes o que irá acontecer, mas podemos estar certos de um grande fato, a saber, *o triunfo final de Deus*.

Sim, podem os ímpios enraivecer, e os povos imaginar coisas vãs, "Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião". Os inimigos de Deus e do seu povo podem ser agressivos; tudo pode dar a entender que vão exterminar a Igreja Cristã! Mas certamente virá o dia em que "ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua

confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai". Certamente a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor. O Maligno será aniquilado e lançado no lago de fogo; tudo quanto se opõe a Deus será destruído, e haverá "novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça". A cidade de Deus descerá, e os justos entrarão nela. Tudo quanto é impuro ficará de fora, e Deus será tudo em todos. O triunfo final de Deus é certo.

A luz de tudo isto, qual, pois, é nossa conclusão? "Que aproveita o ídolo, visto que o seu artífice o esculpiu? e a imagem de fundição, mestra de mentiras, para que o artífice confie na obra, fazendo ídolos mudos?" (v. 18). Livre-nos Deus de que confiemos em algum poder senão o próprio Deus, e nos entreguemos a ídolos que os homens venham a erigir, ainda que o seja pela Organização das Nações Unidas! "Ai daquele que diz ao pau: Acorda! e à pedra muda: Desperta! Pode o ídolo ensinar? Eis que está coberto de ouro e de prata, mas no seu interior não há fôlego nenhum" (v. 19). Não depositemos a confiança em nada que seja do homem, mas somente em Deus!

"O Senhor, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra" (v. 20). Não só os pagãos devem estar calados, mas os cristãos também. Não deve haver investigação, interrogatório, dúvida acerca da bondade, da santidade e do poder de Deus. Não perguntemos em tom queixoso: "Por que Deus permite isso?" ou "Por que Deus faz isso?" Consideremos a palavra do Senhor ao profeta. Ergamos os olhos a Deus. Olhemos para o supremo e para o absoluto. Então ponhamos as mãos sobre os lábios que são tão prontos a falar insensatamente. Reconheçamos que ele está no templo do universo; é Deus sobre todas as coisas. Em silêncio, humilhemo-nos e nos curvemos diante dele e o adoremos. Magnifiquemos sua graça, seu poder, sua força, sua bondade, e em doce paz de coração, mente e alma esperemos por ele.

Como orar

Habacuque 3:1, 2

I. O caráter da verdadeira oração

A resposta de Habacuque à revelação de Deus é descrita como oração. É, também, uma obra poética, intitulada "Oração do profeta Habacuque sob a forma de canto". Foi uma oração acompanhada de música, nem lamentosa nem alegre, mas expressiva de profunda e forte emoção. O profeta, sem dúvida, comoveu-se até às profundezas de seu ser com emoções conflitantes, predominando as de triunfo e vitória.

O capítulo 3 é um registro da oração do profeta. Oração é mais do que petição, e inclui louvor, ações de graça, recordação e adoração. A própria invocação da história, como a encontramos aqui, muitas vezes é parte da oração. As grandes orações da Bíblia são dos homens que lembraram a Deus o que ele havia feito no passado. Basearam seus pedidos nesses fatos. O capítulo inteiro é, pois, uma grande oração.

O segundo versículo deste capítulo é um modelo da atitude que o cristão deve tomar num momento de perturbação ou de crise. Hoje nos defrontamos com uma situação mundial que bem pode levar a pessoa que tem inclinação espiritual a pensar no livro de Habacuque. Nosso problema se repete: Por que Deus não intervém? Por que Deus permite tais coisas? Por que os ímpios alcançam tanto sucesso? Por que Deus não vem reavivar a Igreja? Em face dessas coisas, nossa atitude deveria ser a do profeta. Tivemos a atitude do profeta nos dias sombrios da última guerra? Foi a nossa resposta aos assim chamados dias nacionais de oração a que encontramos aqui, ou no nono capítulo do livro de Daniel? Faltava, devemos admitir, um elemento muito vital na atitude da Igreja Cristã e da nação naqueles tempos. O cristão sempre se vê confrontado por perigos sutis, como aconteceu com o profeta Habacuque. O diabo, como "anjo de luz", busca tirar vantagem de todas as perplexidades, fazendo-nos olhar para as coisas erradas e assim desvirtuar nossa atitude para com Deus. Aqui se vê a atitude que deveria caracterizar os cristãos em tempos de provação e de perplexidade.

II. Elementos essenciais da verdadeira oração

A. Humilhação

Notamos, primeiro, a *humilhação do profeta*, ou *sua atitude de humildade*. "Tenho ouvido", diz ele, "ó Senhor, as tuas declarações, e me sinto alarmado; aviva a tua obra, ó Senhor, no decorrer dos anos, e no decurso dos anos faze-a conhecida; na tua ira, lembra-te da misericórdia." Já não há nenhuma argumentação com Deus ou questionamento de seus caminhos, como no princípio. Ele nem mesmo protesta diante do que Deus lhe diz. Da perplexidade intelectual ele passou para uma posição acima e além dela. Ele nem mesmo apela a que Deus inverta o juízo. Não há pedido algum para que Deus detenha sua mão, ou poupe a Israel. Encontramos, antes, um reconhecimento de que aquilo que Deus diz que fará é perfeitamente reto; que Deus é absolutamente justo, e que o castigo que virá sobre Israel é bem merecido — uma atitude de completa submissão à vontade divina. (Veja a oração de Daniel em Daniel 9.) Não há tentativa de defender a Israel ou a si próprio, mas franca confissão de pecado e reconhecimento da retidão, santidade e justiça de Deus. "O Senhor, a nós pertence o corar de vergonha", diz Daniel. Não resta um vestígio sequer de justiça própria, mas admissão

completa de pecado e total submissão ao juízo de Deus sobre a nação.

Como foi Habacuque levado a tal posição? Parece que foi quando ele parou de pensar em sua própria nação, ou nos caldeus, e contemplou somente a santidade e a justiça de Deus em face do escuro pano de fundo do pecado da raça humana. Quase todas as nossas dificuldades têm origem na persistência em olharmos para os problemas imediatos, em vez de vê-los à luz de Deus. Enquanto Habacuque olhava para Israel e para os caldeus, viveu perturbado. Agora ele se esquece de Israel, e dos caldeus, e põe os olhos em Deus. Volta ao reino da verdade espiritual — a santidade de Deus, o pecado do homem e do mundo — e assim pode ver as coisas numa luz inteiramente nova. Agora ele está interessado na glória de Deus e em nada mais. Ele teve de parar de pensar que os caldeus eram pecadores piores do que os judeus, e no entanto Deus ia usá-los, por desconcertante que fosse este problema. Esta atitude fê-lo esquecer-se do pecado de sua própria nação por concentrar-se no pecado de outros que era maior. Enquanto persistia nesta atitude, ele se sentia perplexo e infeliz. Mas o profeta chegou ao ponto em que foi tirado inteiramente desse estado, e pôde ter somente a maravilhosa visão do Senhor em seu santo templo, com a humanidade pecadora e o universo abaixo dele. A distinção entre os israelitas e os caldeus tornou-se relativamente sem importância quando as coisas foram vistas assim. Já não era possível ser exaltado, quer como indivíduo, quer como nação. Quando as coisas são vistas de uma perspectiva espiritual, só pode haver o reconhecimento de que "todos pecaram e carecem da glória de Deus, e "que o mundo inteiro jaz no maligno". A santidade de Deus e o pecado do homem são as únicas coisas que importam.

Nisso reside o ponto crucial da situação no presente momento. Vemos nossa necessidade de humilhação? Vemo-la como membros da Igreja Cristã? Estamos às voltas com uma situação mundial em que não sabemos o que vai acontecer? Haverá outra guerra? Se nossa atitude ainda é a de "Por que Deus permite isso?", "Que fizemos nós para merecer estas coisas?", está claro que não aprendemos a lição que Habacuque aprendeu. Em verdade não nos humilhamos na última guerra ou na primeira guerra mundial. Deixamos de reconhecer que as duas guerras foram consequência inevitável da impiedade que predominou por quase cem anos, tudo por causa do orgulho e da arrogância do homem. Tem a Igreja Cristã compreendido que sua presente condição, e muito do seu sofrimento podem ser o castigo do Senhor pela infidelidade e apostasia em que ela tem caído com freqüência? Durante um século a Igreja, falando em sentido geral, vem negando o sobrenatural e o miraculoso, pondo em dúvida a própria divindade de Cristo e exaltando a filosofia sobre a revelação. Tem a Igreja, portanto, motivos para queixar-se se passa por momentos difíceis? Tem--se humilhado ela com pano de saco e com cinzas? Tem ela reconhecido e confessado seus pecados? Tem o mundo como um todo qualquer direito de queixar-se? A despeito dos juízos de Deus sobre nós, tem havido um comportamento de humildade? Há espírito de arrependimento? Se há, onde está ele?

É inteiramente antibíblico e antiespiritual olhar somente para a impiedade óbvia. Os cristãos, inclusive seus líderes, tendem a dar a impressão de que há somente um problema — o do comunismo. Eles têm caído no erro em que caiu

Habacuque. Ouve-se dizer com freqüência que "a Igreja Cristã não é perfeita, mas vejam o comunismo; a Igreja não é tudo aquilo que deveria ser, mas olhem para *aquilo!*" Não vêem, portanto, a necessidade de humilhação. Muitos só vêem um problema, o dos caldeus — os comunistas — e enquanto olham para eles, não estão preparados para humilhar-se. A lição que o profeta Habacuque aprendeu foi de que não mais se trata de uma questão de

nacionalismo ou de antagonismo a outra nação. Nada mais importa, exceto a santidade de Deus e o pecado. Não há nada que fazer senão humilhar-nos na presença de Deus. Nada poderia ser mais desastroso, ou mais antibíblico, do que a Igreja Cristã conceber como seu principal dever opor-se ao comunismo, e muito menos ser induzida a uma tal campanha por parte da Igreja de Roma. Não existe união entre Igreja e Estado. Esses problemas devem ser considerados não em termos políticos, mas em termos espirituais. Nossa preocupação deve ser com a santidade de Deus e com o pecado do homem — encontre-se ele na Igreja, no Estado, ou no mundo. Diga-se o que se disser de verdadeiro a respeito dos comunistas, ou de quem quer se oponha a Cristo, minha primeira pergunta deve ser: Que dizer de mim mesmo? O fato de haver outros piores do que eu significa que estou certo? Não, se considerarmos como Daniel ou Habacuque viam o problema! Todos nós, à semelhança de Habacuque, devemos confessar a Deus: "Temos pecado contra ti, e não temos direito algum de pleitear qualquer abrandamento da sentença em tua santa presença." É dessa humilhação na presença de Deus que precisamos desesperadamente.

B. Adoração

Há, porém, um segundo elemento na oração, e esse é a *adoração*. "Tenho ouvido, ó Senhor, as tuas declarações, e me sinto alarmado." "Alarmado" não significa que Habacuque estivesse com medo das coisas que iam acontecer, conforme Deus lhas revelara. Não havia medo do sofrimento vindouro. A expressão sugere temor na presença de um Deus tão grande; adoração e maravilha veneráveis diante de Deus e de seus caminhos. Deus lhe havia dito algo a respeito de seu plano histórico, e o profeta, meditando no fato de que Deus está no seu santo templo e o mundo está debaixo dos seus pés, manteve-se em temor de espanto e reverência. Ao perceber a onipotência e a santidade de Deus, ele disse: "e me sinto alarmado." O que se descreve na epístola aos Hebreus como uma atitude de "reverência e santo temor" é uma atitude estranhamente ausente entre nós, mesmo entre os evangélicos. Há em demasia familiaridade fácil com o Altíssimo. Graças a Deus, podemos chegar à sua presença com santa intrepidez mediante o sangue de Cristo. Mas esta nunca deve diminuir nossa reverência e santo temor. O antigo povo de Deus, especialmente os mais espirituais dentre eles, estavam tão cômicos da santidade e da grandeza de Deus que tremiam até ao usar o seu nome. A sacralidade, a santidade e a onipotência de Deus eram algo que os deixavam quase mudos — "e me sinto alarmado." Deveríamos aproximar-nos dele "com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor".

Isto é essencial para compreendermos os tempos em que vivemos. Devemos aprender a ver a Deus em seu santo templo acima do fluxo da história, e acima das cenas cambiantes do tempo. Na presença divina a única coisa que se destaca é a natureza santa de Deus e nosso próprio pecado. Humilhamo-nos e com reverência o adoramos.

C. Petição

Finalmente, chegamos ao *elemento da petição*. "Não andeis ansiosos de coisa alguma", diz o apóstolo Paulo; "em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça." A verdadeira oração sempre inclui estes três elementos: humilhação, adoração e petição. Qual é a petição no caso de Habacuque? Não é uma petição de livramento e comodidade, nem é uma petição para que Deus poupe o povo, nem para que não haja guerra contra os caldeus; não pede que não haja sofrimento, que Jerusalém não seja saqueada, nem que o templo não seja

arrasado por completo. Não há tal petição, porque ele viu que esses acontecimentos eram a um tempo inevitáveis e bem merecidos. Ele não ora para que Deus mude o seu plano. O peso do profeta agora era uma preocupação pela causa de Deus, pela obra de Deus, e pelo propósito de Deus em sua própria nação e no mundo inteiro. Seu desejo era que as coisas se endireitassem. Ele chegou ao ponto em que, com efeito, disse: "Não importa o que eu e meus compatriotas tenhamos de sofrer, contanto que *tua obra* seja avivada e conservada pura." Seu grande apelo era que Deus avivasse sua obra no decorrer dos anos — "aviva a tua obra, ó Senhor, no decorrer dos anos, e no decurso dos anos faze-a conhecida."

A expressão, "no decurso dos anos" deve, certamente, significar, "enquanto essas terríveis coisas profetizadas estão realmente ocorrendo entre nós", ou "no decurso dos anos de sofrimento e calamidade que tu predisseste, ainda assim, ó Senhor, aviva a tua obra". Esta é uma oração apropriadíssima para a Igreja hoje. Se não estamos mais preocupados com a pureza da Igreja do que com o fato de que nos defrontamos com a possibilidade de outra guerra, esse é um grave reflexo sobre nosso Cristianismo. Que é que mais nos está preocupando como cristãos? São os acontecimentos do mundo ao nosso redor? Ou o nome e a glória de nosso Deus Todo-poderoso, a saúde e a condição de sua Igreja, a prosperidade e o futuro de sua causa entre os homens? Para Habacuque havia somente uma preocupação. A despeito do que ele sabia que iria acontecer, ele orou pedindo o reavivamento da causa de Deus em Israel.

A palavra hebraica "aviva" tem o significado primário de "preservar" ou "manter vivo". O grande medo de Habacuque era que a Igreja ia ser destruída totalmente, por isso orou: "Preserva-a, ó Senhor, mantém-na viva; não permitas que ela seja esmagada." Todavia, avivar significa não somente manter vivo ou preservar, mas também purificar e corrigir, livrar do mal. Este é um resultado sempre essencial toda vez que Deus aviva. Na história de cada reavivamento, lemos que Deus está purificando, livrando do pecado, tirando a escória e as coisas que estavam impedindo o progresso da causa.

Outra idéia é que enquanto a Igreja está sendo preservada, purificada e corrigida, ela está ao mesmo tempo sendo preparada para o livramento. O profeta olha para a calamidade que se avizinha, e diz: "O Senhor, mesmo enquanto , estamos sendo castigados, prepara-nos para o livramento que há de vir. Faze todo o teu povo digno das tuas bênçãos." Parece que ele diz: "Lembra-te da tua obra, e faze-a como pretendias que ela fosse; permite que a Igreja funcione como devia funcionar." Esta oração, como a de Daniel também, foi literalmente respondida enquanto estavam no cativeiro da Babilônia e nas mãos dos caldeus. Deus respondeu à oração pelo reavivamento através do castigo, e mesmo durante o tempo em que o castigo estava sendo administrado.

O apelo final de Habacuque é muitíssimo tocante — "na tua ira", diz ele, "lembra-te da misericórdia." Matthew Henry salienta que ele não se volta para Deus e diz: "O Senhor, vejo que este castigo era necessário, mas eu gostaria de lembrar-te que temos tentado ser bons e que tem havido tempos piores em nossa história."

Ele não pede a Deus que se lembre deles em virtude de quaisquer de seus méritos, mas pede que na ira se lembre da misericórdia. Por "ira" ele queria dizer a perfeita retidão e justiça de Deus. A única coisa que ele faz é lembrar a Deus a sua própria natureza, e aquele outro aspecto de seu ser santo — sua misericórdia. Parece que ele diz: "Tempera a ira com misericórdia. Nada temos que dizer senão pedir que atues de acordo contigo mesmo, e no meio da ira tenhas piedade de nós."

Aqui temos a oração que serve de modelo para uma época como a nossa. A mensagem deste livro é que enquanto não nos humilharmos verdadeiramente, esquecendo-nos das outras pessoas e daqueles que são piores do que nós; enquanto não nos virmos como somos aos olhos de Deus, confessarmos nossos pecados e nos entregarmos nas suas onipotentes mãos, não temos direito algum de procurar paz e felicidade. Enquanto o mundo não aprender essas poderosas lições da Palavra de Deus, não há esperança para ele. Haverá guerras e mais guerras. Conceda-nos Deus a graça de aceitar esta mensagem da Bíblia e aprender a ver as coisas não politicamente, mas espiritualmente.

Há uma aplicação pessoal deste princípio. Devemos enfrentar nossa situação pessoal do mesmo modo, perguntando: Existe algo em minha vida que esteja a merecer o castigo de Deus? Tenho sido o que deveria ser? Examinemo-nos a nós mesmos e nos humilhemos sob a poderosa mão de Deus, e nos preocupemos especialmente com o estado de nossa alma. A dificuldade está em que sempre olhamos para a situação e para o problema em vez de tentar descobrir se existe qualquer coisa em nossa alma que leve Deus a agir assim conosco. No momento em que me preocupo de verdade com a situação de minha alma, em vez de preocupar--me com a minha aflição, estou na estrada da bênção de Deus. A epístola aos Hebreus declara que o castigo é prova de que somos filhos de Deus. "O Senhor corrige a quem ama." Se não sabemos o que o castigo significa, devemos alarmar-nos, porque, se somos filhos de Deus, ele está interessado em nós e em levar-nos à perfeição. "Porque o Senhor corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe." Quando as coisas estão, aparentemente, contra nós, o que não devemos fazer é olhar para a situação e começar a indagar, mas olhar para nós mesmos e dizer: "Que tal a minha alma? Que é que Deus me está dizendo, e que está ele fazendo comigo? Que há em mim que mereça tudo isto?" Depois de examinar-nos, e de humilhar-nos, devemos colocar-nos nas mãos de Deus e dizer: "Não o meu caminho, Senhor, mas o teu, por mais áspero que seja. Minha única preocupação é que minha alma seja reta. Só peço que na ira tu te lembres da misericórdia. Mas, acima de tudo, continua a tua obra para que minha alma seja avivada, e eu possa tornar-me agradável na tua presença."

Essa foi a atitude de Habacuque. Essa tem sido a atitude dos verdadeiros profetas de Deus. Será sempre essa a atitude da Igreja em qualquer tempo de verdadeiro avivamento e despertar-mento espiritual. E essa é a única atitude certa, bíblica e espiritual para a Igreja e para cada cristão na hora presente. Devemos pensar menos na ameaça do comunismo ou em qualquer outra coisa que represente perigo para a Igreja, e preocupar-nos mais com a saúde e pureza da própria Igreja: acima de tudo, com a santidade de Deus e com o pecado do homem.

Como regozijar-se na tribulação

Habacuque 3:3-19

I. Fé e medo

"Ouvi-o, e o meu íntimo se comoveu, à sua voz tremeram os meus lábios; entrou a podridão nos meus ossos, e os joelhos me vacilaram: pois em silêncio devo esperar o dia da angústia que virá contra o povo que nos acomete" (v. 16). O profeta já não tem problemas teológicos ou filosóficos. Ele vê tudo com perfeita clareza; mas, afinal de contas, ele é humano, e vendo os juízos que se aproximam, enche-se de medo. Como pode ele achar paz interior quando todas essas coisas são iminentes? Como as enfrentará valorosamente? É de grande conforto saber que esses poderosos profetas de Deus eram homens como nós, e como nós, sujeitos às mesmas fraquezas. Inclina-mos a pensar neles como homens à parte dos demais por causa da grandeza de sua compreensão. Mas em assim fazendo, recebemos muito menos benefício de um exame dos seus escritos. Aqui, pois, temos um vislumbre do caráter deste homem. É honesto bastante para dizer-nos que ao ouvir o que Deus tinha para dizer-lhe, ele tremeu como uma vara verde. Nosso Senhor reconheceu esta mesma fragilidade humana ao dizer: "O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca." Devemos dar graças a Deus por esta distinção entre falta de fé e fraqueza da carne. Os grandes homens de Deus, homens de fé, muitas vezes tremeram fisicamente diante de certas perspectivas com as quais se defrontavam. Distinguir a verdade e compreender as doutrinas é de suma importância; mas a despeito desta compreensão clara, ainda podemos tremer fisicamente. Tremer em face de algumas condições terríveis não significa, necessariamente, que não temos fé, embora o diabo tente persuadir-nos de que essa é a realidade. Se formos tentado assim, lembremo-nos de Habacuque! Habacuque entendeu perfeitamente, mas tremia como uma vara verde por causa da fraqueza de sua carne.

II. A provisão de Deus para o profeta temeroso

A. O exemplo dos servos de Deus

Deus "conhece a nossa estrutura, e sabe que somos pó". Ele compreende as fraquezas humanas, e fez provisões maravilhosas para nós. Antes de tudo, graciosamente ele nos diz que até mesmo seus maiores servos conheceram algo do medo físico de mistura com a fé na sua Palavra.

Vimos que foi assim com Habacuque. Até mesmo Abraão, homem de grande fé, soube às vezes o que era ser fraco na carne. Davi, também, admitiu que a carne parecia, às vezes, falhar nele, a despeito de sua fé. Jeremias, à semelhança de Habacuque, recebeu uma lúgubre profecia que ele devia transmitir, e às vezes achava que não podia enfrentar a provação. A mensagem era tão terrível que, embora ele estivesse pronto no espírito para comunicá-la, a carne naturalmente procurava fugir. Temos um lampejo de João Batista definhando na prisão, cansado, sofrendo fisicamente, e com essas condições influenciando-lhe o espírito. Observamo-lo mesmo no caso do poderoso apóstolo Paulo. Na segunda epístola aos Coríntios ele diz-nos que sua carne não tinha descanso. "Em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro." E quando pregou pela primeira vez em Corinto, ele o fez "em fraqueza, temor e grande tremor". Tais exemplos nos asseguram que Deus nos compreende, e em sua misericórdia nos mostrará uma saída de nossas dificuldades.

B. O dom da alegria, e não auto-controle

Ora, que pode a pessoa fazer nesse estado de fraqueza humana? Que é que há de sustentar o profeta quando os caldeus chegarem e começarem a destruir a cidade? Que é que sustentava o remanescente fiel do povo de Deus quando tudo parecia perdido? Não foi meramente resignação ou dizer: "Bem, não adianta lamentar a morte da bezerra, ou alarmar-nos e alvoroçar-nos por que não podemos fazer nada a respeito." Nem era apenas aplicar o princípio do desligamento psicológico. Não se tratava de tirar o corpo e dizer: "A melhor coisa é não pensar no assunto! Divirta-se, leia romances e não pense!" — uma espécie de escapismo. Nem era um esforço para ser corajoso. Aqui não há nenhuma exortação à coragem. Há algo infinitamente maior do que apenas fazer um tremendo esforço da vontade e dizer: "Não vou lamuriar ou chorar; vou ser homem." Habacuque admite que "seu íntimo se comoveu", seus lábios tremeram e podridão entrou nos seus ossos.

Ora, o tratamento "psicológico" difere em muito do método bíblico. Muitas vezes é pura crueldade dizer a alguém que está num estado de medo descontrolado: "Contenha-se." Se a pessoa conseguisse dominar-se, o tremor cessaria. Mas o profeta se encontra num estado em que é incapaz de controlar as reações físicas. Ele não consegue parar de tremer, por mais que o tente. Os métodos que o mundo oferece numa hora dessas são eficazes apenas para certas pessoas, e numa fase em que quase não é necessária a sua ajuda. Eles não valem nada quando uma pessoa está na fase de completo alarme físico.

Em vez de mera resignação, ou de estímulo à coragem do indivíduo, a Bíblia mostra que é possível, mesmo em tais condições, estar numa situação de verdadeiro regozijo: "Ainda que a figueira não floresce, nem há fruto na vide; o produto da oliveira mente, e os campos não produzem mantimento; as ovelhas foram arrebatadas do aprisco e nos currais não há gado, todavia eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação" (vv. 17, 18). O cristão reivindica nada menos do que isso. O homem do mundo que há dentro de nós pode, se estiver em boas condições físicas, disciplinar-nos para um estado de resignação. Até certo ponto esse é um espírito recomendável. Mas em contraste com isso, assegura-se ao cristão que embora ele seja uma pessoa disposta fisicamente a alarmar-se por completo, ele pode experimentar não só força mas alegria positiva em meio ao perigo. Ele pode "gloriar-se nas próprias tribulações", e ser triunfante nas piores circunstâncias. Esse é o desafio da posição cristã. Nesse ponto, como cristãos devemos diferir do mundo. Quando o inferno está solto, e as coisas vão de mal a pior, devemos fazer mais do que "suportar" ou "estar firmes". Devemos conhecer uma alegria santa e manifestar espírito de regozijo. Devemos ser "mais do que vencedores", em vez de meramente exercer autocontrole com a ajuda de uma vontade férrea. Devemos alegrar-nos no Senhor e exultar no Deus da nossa salvação. Tempo assim é uma prova para nossa profissão cristã. Se, pois, não somos mais do que vencedores, estamos falhando como cristãos.

C. O estímulo da história

Pois bem, o que é que faz possível isto? O profeta encontra consolo numa reta e cristã interpretação da história, à qual já se fez referência. Toda vez que, nos Salmos, o escritor enfrenta situações tais como a que estamos divisando, invariavelmente recorre à história dos tratamentos de Deus com os homens e dessa maneira se encontra louvando a Deus e regozijando-se. Aqui, semelhantemente, o profeta se recorda de alguns dos grandes fatos na longa história dos filhos de Israel, concentrando-se especialmente no livramento de Israel da escravidão do Egito, sua passagem pelo mar Vermelho, a jornada

pelo deserto, a derrota dos inimigos e a ocupação da terra de Canaã.

Devemos, também, aprender a empregar este método. Talvez seja esta a única coisa que nos segurará nos dias que estão pela frente. Ao considerar o mundo hoje, haverá alguma causa de regozijo senão esta? Venha o que vier, caso nos encontremos na situação temerosa tão vividamente descrita pelo profeta, o que nos cabe fazer é voltar os olhos para a história.

Primeiro, devemos *concentrar-nos nos fatos* e admitir que são fatos. O profeta desce aos detalhes quando nos fala das coisas que Deus havia feito — como havia dividido o mar Vermelho, detido o sol e controlado os próprios elementos. Não há dúvida de que os fatos do registro bíblico precisam ser acentuados acima de tudo mais nestes dias. Há os que nos dizem que o necessário é voltar à teologia bíblica e a uma nova compreensão do ensino da Bíblia. Falam um bocado sobre a maravilhosa redescoberta, em anos recentes, da mensagem essencial da Bíblia. Esta é a ênfase do que se conhece como "neo-ortodoxia". A maioria deles usa o termo "mito" para descrever muitos dos fatos históricos, e dizem que a verdadeira história não é importante em si mesma. Os acontecimentos registrados, em última análise, não importam. O que importa é o *ensino* guardado como relíquia nos supostos fatos. Sugerem que os detalhes históricos do Antigo Testamento não são de primeira importância, e que realmente não é fundamental que creiamos nos fatos. O importante é crer na mensagem apresentada naquela forma. Daí, muitos deles não crerem que os filhos de Israel literalmente atravessaram o mar Vermelho a pé. Dizem que isso é cientificamente impossível. Contudo, concordam em que há um importante princípio entesourado na história, e a principal coisa é entender esse princípio. O termo "mito" implica que a "concha" da história não tem importância; o que importa é o "âmago" da verdade. Os fatos reais apresentados podem não ser verdadeiros em si mesmos, mas o que representam o é.

Ora, se essa opinião for verdadeira, não tenho consolação nenhuma. Se Deus em realidade não fez as coisas registradas no Antigo Testamento a favor de Israel, então a Bíblia toda pode ser tão só uma obra de psicologia destinada a manter-me feliz. Contudo, a Bíblia mostra com clareza que meu conforto e consolo residem nos fatos — no fato de que Deus fez determinadas coisas e que elas aconteceram literalmente. O Deus no qual eu creio é o Deus que podia dividir e de fato dividiu o mar Vermelho e o rio Jordão. Ao lembrar-se desses fatos e trazê-los à nossa lembrança, Habacuque não está apenas confortando a si mesmo, brincando com as idéias. E se os fatos registrados na Bíblia não são verdadeiros, então não me resta esperança nem conforto. Pois não somos salvos por idéias; mas por fatos, por acontecimentos. Nisto a fé cristã difere de todas as demais religiões: suas doutrinas se baseiam em fatos. Budismo, hinduísmo e outras crenças repousam sobre teorias e idéias. Somente na fé cristã lidamos com fatos. Devemos rejeitar como de procedência do diabo esta teoria moderna do "mito". Os fatos cridos e aceitos como tais por nosso Senhor são absolutamente essenciais.

Estabelecidos os fatos, devemos contar com *a grandeza do poder de Deus*. O profeta recorda-se dos milagres que Deus operou no Egito: "O seu resplendor é como a luz, raios brilham da sua mão; e ali está velado o seu poder. Adiante dele vai a peste" (w. 4, 5). Depois ele fala da divisão do mar Vermelho: "Acaso é contra os rios, Senhor, que estás irado? E contra os ribeiros a tua ira ou contra o mar o teu furor, já que andas montado nos teus cavalos, nos teus carros de vitória?" (v. 8). É importante aceitar o fato de que Faraó e seus exércitos literalmente pereceram afogados no mar. A história não é mera alegoria do livramento mas um fato que realmente aconteceu e pelo qual Deus demonstrou seu poder.

Seguem-se referências ao monte Sinai, à divisão das águas do Jordão, e então vem uma frase surpreendente: "O sol e a lua param nas suas moradas" (v. 11). Deus deteve o sol para que os filhos de Israel triunfassem. O Deus em quem cremos pode atuar, e atua, como e quando lhe apraz. Habacuque medita na grandeza de Deus e do seu poder, e no elemento miraculoso que há no trato de Deus com o seu povo. Se a substância desses milagres não for verdadeira, onde encontrar conforto e consolo? Os fatos são importantes porque revelam a grandeza e o poder de Deus, e o elemento miraculoso no trato de Deus com o seu povo.

A terceira verdade é que o Deus com quem temos de haver-nos é *um Deus fiel à sua palavra e que cumpre suas promessas*. "Tiras a descoberto o teu arco, e farta está a tua aljava de flechas. Tu fendes a terra com rios" (v. 9). Ao trazer à lembrança os fatos, e o poder de Deus, o profeta está, também, assegurando a si próprio que, nesses acontecimentos, Deus estava tão-somente mantendo sua palavra e cumprindo o juramento feito a Abraão e ratificado a Isaque e a Jacó. Deus havia dito que eles seriam o seu povo e que ele tinha determinados propósitos para eles, por isso, embora parecessem esmagados no Egito, ele os tiraria de lá e os sustentaria em todas as suas dificuldades.

Agora vemos com clareza o modo divinamente provido para lidar com o medo que não podemos controlar. Olhamos para o passado e pensamos em Deus. Ao fazer isto, o profeta começou a sentir-se melhor. Esqueceu-se de seus nervos e, na contemplação do Deus poderoso, operador de milagres, ficou tão maravilhado que começou a regozijar-se. Depois sentiu que podia enfrentar o que quer que viesse. A despeito de tudo, ele se alegrava no Senhor, e exultava no Deus da sua salvação. Tal Deus, ele sabia, jamais se esqueceria dele, e tal Deus certamente o conduziria a bom termo.

III. A múltipla provisão de Deus para sua igreja temerosa

Esses são os fatos dos quais o profeta Habacuque se lembrou para seu próprio consolo. Hoje estamos numa posição mais maravilhosa ainda do que a de Habacuque. Podemos fazer acréscimos à história; podemos suplementar os fatos aduzidos pelo profeta. Estamos em posição de ver como tudo o que Deus lhe revelou foi cumprido literalmente. Os caldeus foram, de veras, suscitados; destruíram os israelitas; estes foram levados cativos para a Babilônia. Mas, no devido tempo, Deus voltou-se contra os caldeus e os destruiu, e trouxe de volta a Jerusalém o remanescente. A cidade foi restabelecida e o templo reconstruído.

Podemos ir além e olhar para os fatos da poderosa salvação que Deus realizou em Cristo. Podemos regozijar-nos especialmente no fato da ressurreição. Se alguma vez a situação parecia absolutamente sem esperanças foi quando crucificaram o Filho de Deus num madeiro e o sepultaram num túmulo. Os discípulos ficaram desanimados, porque o fim parecia de veras ter chegado. Mas Deus se manifestou no milagre da ressurreição. Mostrou que ele ainda era Deus e que, para ele, nada era impossível. A ressurreição de Jesus Cristo não é uma idéia, mas um fato literal, histórico. Se não fosse, não haveria evangelho. Não cremos meramente em alguma continuação da vida além-túmulo. Não dizemos meramente que Jesus ainda vive. Declaramos que literalmente ele se ergueu do túmulo no corpo. Tudo depende da verdade deste fato.

Consideremos mais alguns fatos. Os judeus perseguiram cruelmente o povo de Deus, e foram advertidos de que se persistissem em seu procedimento, seriam finalmente destruídos. Foram advertidos no Antigo Testamento; foram avisados por João Batista e pelo próprio Cristo. Havendo

persistido na prática do erro, Deus destruiu a cidade deles no A. D. 70. O templo foi arrasado e o povo espalhado entre as nações, onde ainda permanece. Os acontecimentos do A. D. 70 não devem jamais ser esquecidos. Nunca nos esqueçamos, também, do que aconteceu ao Império Romano que perseguiu a Igreja Cristã e tentou destruí-la. No livro do Apocalipse e em outras partes fora revelado com clareza que terrível desastre os esmagaria e eles seriam destruídos. Foi o que aconteceu literalmente, como se pode ler na história do Império Romano. Esses acontecimentos poderiam ser suplementados por muitos outros no decorrer dos séculos. A história da Igreja Cristã na Idade Média, a história da Reforma protestante e a perseguição aos Pais protestantes ilustram o mesmo princípio. O diabo, atuando através da igreja romana, tentou destruir os protestantes, e por algum tempo parecia que tudo estava perdido; mas a obra de Deus foi avante. Nas grandes histórias dos "Covenanters" (partidários da Reforma protestante na Escócia) e dos Puritanos encontramos outros exemplos do mesmo importante princípio. Ao reexaminar esses fatos, nós, à semelhança de Habacuque, podemos alegrar--nos no Senhor, a despeito das circunstâncias.

Além e acima de todos os demais fatos, está o mais glorioso de todos, o fato de Jesus Cristo. Os Evangelhos nos fornecem os detalhes de sua vida terrena de sorte que podemos ter consolo em tempos difíceis. Acima de tudo, lembremo-nos de que o Filho de Deus venceu este mundo. Ele conhece tudo a respeito da contradição dos pecadores contra ele. Embora fosse o Filho de Deus, sabia que devia cansar-se, esgotar-se, desfalecer fisicamente, suar gotas de sangue de agonia. Sabia que devia enfrentar o mundo inteiro e todo o poder de Satanás e do inferno que se uniam em massa contra ele. "Não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (Hebreus 4:15). Ele conhece tudo a respeito de nossa fraqueza e de nossa fragilidade. A encarnação não é mera idéia, mas um fato: "E o Verbo se fez carne." Em nossa agonia e fraqueza podemos sempre recorrer a ele com confiança, sabendo que ele compreende, ele sabe, e ele socorre. O Filho de Deus se fez homem a fim de ser nosso perfeito sumo sacerdote e conduzir-nos a Deus.

Assim sendo, venha o que vier, "eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação".